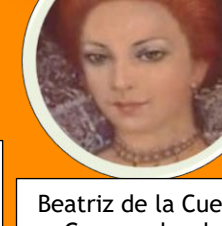




N.º 5 - Terceiro trimestre, 2026

Hispanidade Positiva

O Homo erectus/habilis chegou à Península Hispânica há 1,5 milhões de anos. Durante a sua evolução ininterrupta para o Homo sapiens, todos os grupos/tribos que surgiram eram matriarcais. Isto devia-se às longas ausências dos homens para a caça, aos conflitos com outras tribos ou à pesca no mar. As mulheres governaram, tomaram decisões e geriram a vida em grupo durante séculos. Por conseguinte, durante a presença hispânica nas Américas, muitas mulheres desempenharam um papel de destaque em diversas atividades. Isto continuou até ao Romantismo do século XIX, influenciado pela França, quando as mulheres passaram a ser vistas como seres a proteger e a liderar.

 Urraca I de León	 Petronila I de Aragão	 Beatriz Galindo	 Isabel I de Castela, a Católica	Francisca de Nebrija Primeira académica feminina Universidade de Alcalá de Henares	 María Estrada soldado
 Luísa de Medrano Primeira académica feminina Universidade de Salamanca	 Joana I de Castela, a Louca	 María de Toledo	 Imperatriz Isabel de Portugal	 Isabel de Boadilla Governador de Cuba	 Inés de Suárez Explorador e soldado no Chile
 Inés Muñoz de Ribera	 Mencia Calderón	 Aldonza Villalobos Manrique Governador da Hispaniola	 Beatriz de la Cueva Governador da Guatemala	 Juana de Zárate Adelantada do Rio da Prata	 María Pita Heroína a defender A Coruña do ataque inglês

Revista “Hispanidade Positiva” da UNAHIS

Presidência da UNAHIS
Carmen de la Cagiga

www.unahis.com

Gestor da “Hispanidade Positiva”
Pablo J. Luis Molinero

Revistas: <https://www.unahis.com/revista>



Lourdes Cabezon

Perfil académico e profissional (em espanhol):

(Microsoft Word - c v Lourdes cabezon con foto.docx)

Isabel I, a Católica

Uma Nova Fase

As Cortes de Toledo

e o

Nascimento do Estado Moderno

Em 1480, o casal real já tinha três filhos. Isabel controlava o reino, ditava as suas políticas e administrava tanto as alianças como as guerras. Esta estabeleceu uma relação próxima com Fernando. Apoiam-se mutuamente nas áreas emocional, militar, internacional e religiosa.

O primeiro grande problema que tiveram de resolver foi o da alta nobreza rica. Esta classe evoluiu ao longo da Baixa Idade Média. Ao contrário da antiga nobreza, cujos recursos económicos provinham das suas propriedades, a nova nobreza obtinha-os sobretudo dos privilégios concedidos pela autoridade régia. Mas, na época do reinado de Henrique IV, como vimos, a nobreza tinha ultrapassado em muito os limites da razão. Foi por isso que lhe chamaram Henrique, o Magnânimo.

Os juros (um direito perpétuo a uma determinada quantia anual de dinheiro paga com a receita dos rendimentos reais) representavam um fardo económico muito significativo que dificultava o bom funcionamento da economia do reino e a possibilidade de empreender novos projectos.

Mas o verdadeiro prejuízo causado por este sistema de favores arbitrários foi que a elite dominante deixou de visar a satisfação dos interesses gerais da nação; deixou de ser um grupo coeso, unido por objectivos comuns, como tinha sido o caso durante séculos na Reconquista. É por isso que a Reconquista perdeu força quando já se aproximava do fim, durante o reinado de Fernando III, o Santo.

A divisão do reino em interesses privados, em privilégios singulares arrancados ao rei por meios mais ou menos violentos, era o pior cancro de que uma nação podia sofrer. E, mais uma vez, cabia ao Rei, neste caso à Rainha, reorientar o país em torno dos interesses gerais, como sempre aconteceu e continua a acontecer até hoje na história espanhola: a Coroa como símbolo e garante da unidade e permanência da nação.

A reorganização do Tesouro era essencial para alcançar o primeiro grande objetivo do reinado: a guerra contra o Reino Nasrida de Granada. Portanto, este problema teve de ser resolvido como pré-requisito para tudo o resto.

Os Reis Católicos, nas *Cortes de Toledo* em 1480, reduziram o montante das concessões atribuídas à nobreza durante o reinado de Henrique IV em quase metade, aproximadamente: de 62 milhões de maravedis para 32 milhões.



Ficou acordado revogar os favores concedidos entre 1464 e 1480, especialmente os privilégios mais injustificáveis: moderar os favores concedidos por pequenos serviços, preservar os favores concedidos por bons serviços, bem como as anuidades dadas como pagamento de salários; confirmar as anuidades compradas ao rei por preços razoáveis.

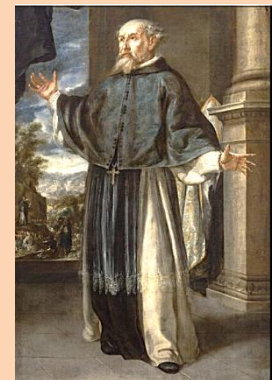
Da mesma forma, ficou acordado que as concessões feitas em troca de serviços prestados à Coroa seriam mantidas intactas, ou parcialmente intactas. Além disso, a prudência da rainha levou-a a não recuperar todo o património alienado por Henrique IV, mas sim a aplicar a equidade na sua recuperação. Ela exigiu a restituição de prelados, nobres e cortesãos, e renunciou à recuperação do que tinha sido recebido pelos necessitados, mosteiros, hospitais, universidades e igrejas.

A tarefa foi confiada ao Cardeal Mendoza¹ e executada por Frei Hernando de Talavera², confessor da Rainha Isabel.



Cardeal Mendoza

O poder económico dos grandes senhores nobres foi enfraquecido e, para manterem a sua posição política e social, tiveram de ingressar na corte real, servindo como altos funcionários políticos e militares. Desta forma, os nobres renunciaram a muitos dos seus privilégios anteriores, cedendo o poder político à Coroa, em troca do qual mantiveram vantagens sociais e económicas.



Frei Hernando de Talavera

Embora estas medidas tenham conseguido agilizar a administração, parece que a principal intenção era transformar os grandes nobres castelhanos em servos leais da Coroa. De facto, um dos aspectos mais surpreendentes deste período é a enorme quantidade de grandes homens que contribuíram para a glória do reinado, sem os quais ele não teria sido possível: Cisneros, o Grande Capitão, Nebrija, o Duque de Alba, o Duque de Medina Sidonia, Colombo, Juan de la Cosa, Núñez de Balboa, e muitos outros.

¹ Pedro González de Mendoza (1428-1495), clérigo castelhano, político, líder militar e mecenas das artes, conhecido como o Grande Cardeal de Espanha. Uma das figuras mais brilhantes da aristocracia na segunda metade do século XV, durante a transição do mundo medieval para o moderno (Wikipedia).

² Frei Hernando de Talavera (1428-1507), foi prior do mosteiro de Nossa Senhora do Prado em Valladolid, bispo de Ávila, arcebispo de Granada; bem como confessor e conselheiro da Rainha Isabel, a Católica (Wikipédia)



Com estas medidas, o reino saiu da bancarrota, a agricultura, a pecuária, a indústria e o comércio recuperaram, e a moeda foi estabilizada.

O passo seguinte foi controlar o crime com o apoio da Santa Hermandad (a Guarda Civil da época), que não teria sido possível financiar sem as medidas anteriores.

Uma medida económica notável foi a eliminação das fronteiras fiscais entre Aragão e Castela, tanto para o gado como para as mercadorias, abolindo-se, ao mesmo tempo, os privilégios de que gozavam os bispos e os latifundiários.

E quanto ao direito penal, é conveniente notar que o início do reinado foi marcado por uma guerra civil, o que implica uma administração rigorosa da justiça, mas algo era diferente com os Reis Católicos, com poucas sentenças de pena capital a serem proferidas, se comparadas com outros reinos europeus, uma contenção que se tornou notavelmente mais acentuada a partir das *Cortes de Toledo*, e que representa a vontade de curar feridas e criar a segurança jurídica de que o reino tanto necessitava.

O Conselho Real foi completamente reorganizado, assim como a Corte Real e outros órgãos de justiça e de governo, para além da própria Igreja Castelhana, da qual foram reservados muitos cargos. As *Cortes de Toledo* terminaram as suas sessões a 28 de maio de 1480, após terem implementado uma profunda reorganização do Estado.

Simultaneamente, as *Cortes* de Calatayud, Valência e Barcelona realizaram-se ao longo do ano seguinte. Neste e em muitos outros aspetos, foram comparáveis às de Toledo e partilharam a sua importância como encontros entre reis e reinos.

Todas estas medidas, e as que se lhe seguiram, resultaram no nascimento do Estado moderno, com a sua administração profissional, força policial e exército. Assim, esta estrutura governativa teve origem em Espanha e foi obra dos Reis Católicos.

A **reforma administrativa** dos reinos teve uma grande importância. Castela destaca-se, pois, após o fim da guerra civil, Fernando e Isabel impuseram uma **centralização** gradual. As Cortes, reunidas em Toledo em 1480, reorganizaram o **Conselho de Castela**, reduzindo o poder de voto da nobreza e criando a figura dos **secretários régios**. Estes ministros, que chefiavam todo o corpo burocrático, podiam ser plebeus e eram escolhidos com base no mérito e na capacidade, e não no nascimento.

Quanto ao que hoje chamaríamos de administração local, foram tomadas medidas para pôr fim à privatização de terras e usos comunais nos municípios, refreando assim as tentativas de feudalização e reforçando a independência das cidades em relação à nobreza. Contudo, a Coroa também assegurou o seu controlo sobre as cidades através da nomeação de corregedores, que eram os representantes do governo central nos municípios.



A Velha Guarda de Castela tornou-se a Guarda Real



Também tomaram medidas para segregar judeus e mudéjares³ em bairros especiais. No entanto, toleraram as suas práticas religiosas e protegeram a construção de novos templos.

Entretanto, na Coroa de Aragão, as Cortes dos diferentes territórios continuaram a usufruir de um amplo poder legislativo e de um controlo sobre as ações dos monarcas. Isto contrasta fortemente com as políticas centralistas e quase autoritárias da Coroa de Castela. Tal facto foi, sem dúvida, uma consequência dos excessos cometidos pela nobreza durante o reinado de Henrique IV, excessos que marcaram a infância de Isabel.

Devemos destacar uma das maiores fontes de apoio à Monarquia: a Santa Inquisição, que já existia em Aragão e foi introduzida em Castela durante este período. Quando, em 1478, o Papa Sisto IV autorizou os reis a nomearem inquisidores, este tribunal eclesiástico tornou-se um instrumento da Coroa para eliminar os dissidentes políticos, manipular a população através do medo do tribunal inquisitorial e suprimir as minorias religiosas (muçulmanos e judeus).

Expansão para além das fronteiras

Uma vez reorganizada a administração, os Reis Católicos seguiram uma política activa com o objectivo de unificar a Península Ibérica, criar um império colonial ultramarino, conter a expansão francesa no Mediterrâneo Ocidental e reforçar as relações com os países do Mar do Norte, parceiros naturais no importante comércio de lã de Castela.

Quanto às Canárias, estas pertenciam a Castela desde o reinado de Henrique III, mas a ocupação efectiva do arquipélago só agora se verificou. A campanha culminou com a conquista de Tenerife em 1500. As Canárias tornar-se-iam, mais tarde, muito importantes como escala na rota para as Índias (as Américas).

Roussillon e Cerdanya: Estes eram dois condados nos Pirenéus catalães que João II, pai de Fernando, tinha cedido a Luís XI para comprar a paz com a França durante a guerra civil. A habilidade diplomática de Fernando⁴ garantiu que, através do Tratado de Barcelona em 1493, estes territórios lhe fossem devolvidos. Em troca, Fernando prometeu dar carta branca aos franceses em Itália, uma promessa que não cumpriria. De facto, até hoje, os vestígios deixados por Fernando de Aragão sobre como e por que razão acabou com Nápoles são muito vagos e erráticos.

Nápoles e Sicília: Sabe-se que a quebra do tratado de 1494 pelos franceses facilitou a formação, um ano depois, da Liga Santa, composta pelo Papa, o Sacro Imperador Romano, o Duque de Milão e os Reis Católicos, contra a França. O exército aliado, sob o comando de Gonzalo Fernández de Córdoba, o Grande Capitão, derrotou os franceses e obteve a posse do Reino de Nápoles para Espanha em 1504, assegurando assim também o seu domínio sobre a Sardenha e a Sicília.

Na próxima edição, a Política e o Exército Moderno

³ Mudéjares: Muçulmanos a quem foi permitido continuar a viver nas suas casas e terras após serem conquistados pelos cristãos.

⁴ Considerado o protótipo do príncipe de Maquiavel, embora muitos de nós acreditemos que o Rei era muito superior ao Príncipe do livro. (O autor)



HISPANIA

Mãe e Refúgio

Por Pablo J. Luís Molinero

Perfil académico e profissional em spanhol):

[Microsoft Word - c vitae Pablo jl molinero con foto.docx](#)

La Primera Cultura Europea

Vimos como, durante um milhão e quatrocentos ou um milhão e trezentos anos antes do presente (1,4 ou 1,3 milhões de anos AP), a Hispânia foi o único lugar habitável no subcontinente europeu; dado que, até aos 14.000 anos AP, a Europa passou por quatro eras glaciares que duraram centenas de milhares de anos.

Durante os períodos interglaciais, quando toda a Europa era novamente habitável, a chegada de uma nova era glacial significava que os seus possíveis habitantes ou migravam para a Hispânia ou Anatólia, ou morriam congelados. Refugiar-se numa gruta poderia ser uma solução, mas não por muito tempo, pois tudo se transformaria novamente em enormes blocos de gelo e espessas camadas de neve, desprovidos de vegetação ou fauna para alimentação, durante mais centenas de milhares de anos.

O facto é que, há 14 mil anos, começou o degelo da última era glacial; nessa época, ambos: os que viviam perto do Bósforo e os que viviam perto dos Pirenéus veriam que nas antigas terras cobertas de neve esta desaparecia e surgiam terras que se enchiam gradualmente de vegetação e fauna dignas de serem exploradas; portanto, quer por necessidade de usufruir de territórios mais promissores do que os habitados naquele momento, quer por curiosidade, avançariam para um novo povoamento, mas esses avanços foram muito lentos, pois ninguém se mudaria enquanto o seu ecossistema continuasse a satisfazer as suas necessidades.

Um ecossistema deixou de ser suficiente quando a população cresceu e ultrapassou a capacidade de sustento do habitat; por isso, um grupo, provavelmente da geração mais nova, decidiu aventurar-se e, separando-se do grupo dos seus antepassados, formar uma nova tribo e procurar um lugar próprio. A própria Bíblia permite-nos ver isso, embora, obviamente, aqui voltemos às interpretações; vejamos:

Patriarca	A sua idade quando	
	Teve o seu primeiro filho	Morre
Adão	130	930
Set	195	912
Enos	90	925
Sim	70	910
Mahalalel	65	895

E todos eles tiveram muitos filhos e filhas

Patriarca	A sua idade quando	
	Teve o seu primeiro filho	Morre
Yered	162	962
Enoque	65	356
Matusalém	187	969
Lameque	595	777
Noé	500	950



O que lá está escrito sempre foi interpretado literalmente, por mais plausível que possa parecer; ou seja, porque agradou a Deus, aquelas pessoas viveram 7, 8 e 9 séculos (algumas quase um milénio); embora seja impressionante que pessoas com uma saúde tão extraordinária demorassem 100 anos a ter o seu primeiro filho... algo não faz sentido; mas Deus é Deus; e tudo se resume a ter fé; embora me pergunte, onde depositamos realmente a nossa fé? Porque me parece que a realidade é que tudo o que fazemos é engolir sem questionar o que nos dizem os "estudiosos religiosos"; portanto, não depositamos a nossa fé em Deus nem na Bíblia, mas nos seus intérpretes.

Se estivermos a falar de interpretações, eu, que acredito num Deus de amor e sabedoria, mas não num Deus caprichoso que, "porque sim", tem povos escolhidos (como os judeus se consideram), povos com destinos grandiosos (como se auto-intitulam nos Estados Unidos) e humanos favoritos (como Calvino sugeriu, aqueles que progridem e ganham dinheiro), ignorando aqueles que não fazem parte desses grupos.

Prefiro procurar interpretações de um Deus perfeito sem favoritismos arbitrários para com ninguém; prefiro uma dedução sobre aquelas épocas, segundo as quais tudo é mais claro, e Deus permanece no grande lugar que lhe é apropriado.

Esta relação encontra-se no Génesis, dentro do Pentateuco supostamente escrito por Moisés; que, como já referimos numa edição anterior, como príncipe adoptivo na corte do Faraó, teria tido acesso a tabuinhas e papiros que falavam da história da humanidade, de acordo com o conhecimento preciso ou erróneo dos Sumérios, Caldeus, Acádios e Egípcios; para além do seu desejo de unir as 12 tribos hebraicas num todo sólido, conferindo-lhes um papel de liderança, com as melhores intenções, razão pela qual atribuiu idades pessoais o que eram na realidade idades tribais; ou seja:

Cento e trinta anos após o "nascimento" de Adão, a sua tribo, composta por um grande número de "filhos e filhas" (e netos, bisnetos, etc.), estivesse ele vivo ou não, o seu filho Sete decidiu criar a sua própria tribo e procurar novas terras. A tribo de Adão continuou a existir durante mais 800 anos, 930 anos após a sua formação.

O mesmo acontecia com as outras tribos: a dada altura, um grupo de cada tribo separava-se para formar uma nova tribo noutras terras (nascia o seu primeiro filho); possivelmente surgiriam mais subtribos (mais "filhos") mais tarde, mas a primeira era a importante na genealogia que Moisés queria destacar para dar identidade ao povo hebreu. Depois, no dia marcado como a morte, essa tribo desaparecia por algum motivo.

Não acha que esta interpretação justifica Noé e Lameque terem tido o seu primeiro filho aos 500 e 595 anos de idade? A Bíblia não mente, e Deus não é caprichoso; o problema está em interpretar o que está escrito com base em critérios pré-estabelecidos.

Tudo isto é relevante para a forma como, de forma semelhante, aconteceu em ambos os lados da Europa: os hispânicos de oeste para leste e os da Anatólia de oeste para leste: os humanos estabeleceram-se num local com condições aceitáveis e, passados dois, três ou mais séculos, um pequeno grupo desta tribo decidiu procurar outras terras; como sempre: porque existia um desequilíbrio entre o crescimento populacional e os recursos disponíveis.



Quando ambas as expansões coincidissem em algum ponto central da geografia europeia, aconteceria o que sempre ocorre entre os humanos: primeiro, confrontos sangrentos pela posse de uma certa porção de terra; depois, a menos que um dos grupos fosse exterminado, acabaria por ocorrer uma mistura dos dois grupos.

Aliás, segundo os especialistas que analisaram o ADN, todos os europeus daquela época tinham a pele morena, nem negra nem branca, mas sim escura, com poucos olhos azuis e nenhum cabelo loiro, embora existissem alguns ruivos. A pele e o cabelo mais claros surgiram vários milénios depois, com a chegada à Europa dos grupos denisovanos orientais, além da adaptação evolutiva a terras com menos luz solar.

Receio que continuemos a cair na armadilha de falar de séculos e milénios como se estivéssemos a falar da semana ou do mês passado. O degelo da última Era Glacial começou há 14.000 anos, e não temos conhecimento de nenhuma cultura ou civilização anterior a 8.000 anos atrás: Suméria, Mohenjo-Daro (Índia), o Rio Amarelo (China), Egito, Çatalhöyük (Anatólia, atual Turquia) e Atlântida (Hispania); mas todas estas culturas são de áreas que nunca sofreram directamente os efeitos de uma Era Glacial.

Nas áreas directamente afectadas (a norte do paralelo 42 N), não se desenvolveu qualquer cultura até depois do degelo da última glaciação, quando os habitantes das áreas não afectadas começaram a deslocar-se em busca de novas terras; entre eles, os hispânicos que, inclusive em jangadas ou barcos primitivos, partindo do norte da península, ocuparam as terras desabitadas das Ilhas Britânicas, levando consigo a sua cultura celta; já o tinham feito nas Ilhas Baleares.

A palavra “celta” não é hispânica, mas antes uma latinização do grego antigo “Κελτός” ou “Κέλτης” (Keltós ou Kéltēs), que significa “povo culto”. É curioso e digno de reflexão que os gregos, povos altamente eruditos e humanistas, tenham chamado “cultos” àqueles outros povos que praticamente ocupavam quase toda a Europa.

Estes *keltos* altamente cultos vieram da Hispania; desde tempos antigos, foram grandes colonizadores e portadores de novas culturas para outras latitudes. Os adoráveis personagens fictícios, orgulho dos franceses: Astérix e Obélix (os gauleses), bem como o “homem deformado” encontrado em Neandertal (Alemanha), o belga e todos os outros, eram descendentes dos hispânicos (embora, claro, o conceito de “hispânico” ainda não existisse).

Os celtas não eram indo-europeus, como se sustentou durante tantos anos, e Atapuerca prova o contrário; os gregos eram, de facto, indo-europeus originários da Anatólia, assim como quase todos os povos da metade oriental da Europa; com excepção das vagas posteriores de grupos denisovanos que vieram directamente do sul da Sibéria.

Não sabemos como os celtas se auto-intitulavam, mas há um som que se repete onde quer que estivessem ou estejam: gaulês, gaélico, galês, galego, etc. Não formavam um grupo nacional como o entendemos hoje; na verdade, mesmo dentro de cada grupo tribal, existiam clãs familiares; mas não há dúvida de que possuíam um conceito claro de pertença a uma visão do mundo bem definida, uma grande espiritualidade e ligação com o divino, com um certo esoterismo e uma forte ligação com a Natureza e as suas energias; algo que sempre se manteve parte do verdadeiro espírito hispânico.



Entre muitos outros locais identificados como centros de energia, temos Compostela (“campo da estrela”; não sabemos a que estrela se refere), que foi um local de peregrinação europeia muito antes da Era Cristã.



Temos o Rio Deva na gruta de Covadonga, uma gruta sagrada dos celtas, e o nome do rio é celta, referindo-se a Deva, a deusa da água. Da mesma forma, perto da cidade de Chester (Inglaterra), temos um Rio Deva dedicado à deusa da água (mencionada pelos romanos), cujo nome foi posteriormente alterado pelos Saxões para Rio Dee.



O brasão de armas de Yernes y Tameza, município do Principado das Astúrias, apresenta dois touros em combate: um branco e um colorido. Segundo a lenda celta, houve uma disputa territorial entre os pastos do povoado celta onde hoje se situa Yernes y Tameza e os pastos do povoado celta na atual Proaza. A questão foi resolvida com uma tourada: um grande touro branco de Proaza enfrentou um touro vermelho, um pouco mais pequeno, de Yernes y Tameza. O touro vermelho não só venceu, como as suas patas ficaram impressas numa rocha, demarcando os limites dos pastos.

Esta lenda fez parte da cultura celta transportada para as Ilhas Britânicas e na Irlanda temos a saga de um conflito entre o Ulster e Connacht, que terminou com uma luta de dois touros, um branco e outro vermelho, e aqui o vermelho também venceu. Em Dublin existe um mosaico que comemora a “Luta dos Dois Touros”.



É lógico e normal que alguém pergunte se não foi o contrário, se os celtas (a invasão indo-europeia, como se diz há tantos anos) chegaram a Inglaterra e de lá se mudaram para a Hispânia. Responderei com outra pergunta: quem levou a cultura a quem, se o cromlech inglês tem 3.000 anos e os semelhantes (existem cerca de meia dúzia, embora muito deteriorados) na Hispânia datam de há 6.000 anos?

Para além destes cromlechs, a Hispânia (incluindo as Ilhas Baleares) está repleta de vestígios de fortes ou povoações celtas, bem como de dólmenes funerários e navetas religiosas. Podemos perguntar-nos porque é que Stonehenge (um único cromlech num país inteiro) é mundialmente conhecido, enquanto ninguém sabe que a Hispânia possui vários cromlechs e muitos outros vestígios interessantes desta cultura.



A resposta é que os anglo-saxónicos são como as galinhas e têm-se dado muito bem a ser assim, e os hispânicos são como patos. E é por isso que as coisas são como são para eles; não importa quais os ovos que são melhores; a diferença está em quem cacareja e quem não cacareja.

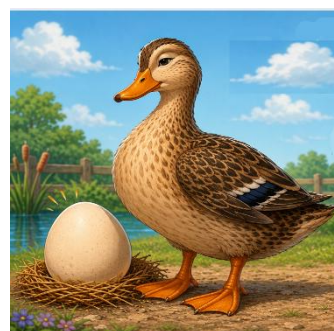
O grande Oscar Wilde disse: *"A Inglaterra só produz três coisas boas: chá, whisky e os meus livros; mas acontece que o chá é chinês, o whisky é escocês e eu sou irlandês. Portanto, as únicas coisas boas que a Inglaterra tem são retiradas de outros países."*

Tendem também a vangloriar-se de feitos realizados por outros, mas, com alguns pequenos exageros, reivindicam-nos como seus, como afirmar que o seu capitão Drake completou a primeira circum-navegação do globo, ou transformar uma derrota numa

vitória, como a tentativa de conquistar Cartagena com um enorme contingente de navios e homens, liderado por Edward Vernon. Este ataque cuja vitória foi tão certa que já se estavam a cunhar moedas com a inscrição: "Heróis britânicos tomaram Cartagena a 1 de abril de 1741; o orgulho espanhol humilhado por Vernon". No entanto, o resultado foi desastroso para os ingleses graças ao génio estratégico de Blas de Lezo e à bravura das suas tropas espanholas, tanto peninsulares como locais. Ainda assim, em Inglaterra, no túmulo de Vernon, pode ler-se: *"...conquistou Cartagena até onde a força naval permitiu a vitória"*. Mas, isto implica que ter um contingente dez vezes superior à força espanhola não foi suficiente.

Os celtas não eram um povo agressivo e guerreiro, mas eram ferozmente defensivos, e isso é algo que os hispânicos transportam no seu ADN (há também a significativa influência ibérica, mas esta surgiu muitos séculos depois). Nós, hispânicos, defendemos ferozmente o que é nosso contra os outros sem precisar da poção mágica do Astérix, embora pareça mais que, tal como Obélix, tenhamos caído no pote da poção quando éramos crianças (celtas) e ainda estejamos a sentir os seus efeitos; aliás, tal como Obélix, adoramos javali, ou melhor, o seu primo, o leitão.

Com o grande respeito pelo povo inglês, com quem tenho grandes relações e grandes amizades, creio que se aproveitam até da mais pequena coisa que possuem para, com a sua ostentação, aumentar a sua imagem; enquanto os hispânicos estão tão habituados a fazer grandes coisas como se fosse a coisa mais normal e natural do mundo, que não dão importância ao que fazem ou ao que têm; consequentemente, *"Os ovos ingleses vendem muito mais do que os ovos espanhóis, embora estes últimos sejam tão grandes ou até maiores e mais nutritivos"*.



Blas
de
Lezo



Continuaremos na próxima edição



Alberto G. Ibáñez

Perfil académico e profissional (em espanhol):

https://www.unahis.com/files/ugd/6ef621_e86099b93f704b97b77e739b2124dc67.pdf

Continuamos com a sinopse do livro do Dr. Gil Ibáñez.

Hispanoterapia

4.3. A apropriação terminológica e a síndrome de Estocolmo hispânica

Como gosto de dizer há anos, embora não tenha sido o primeiro: "*Quem dá nome, domina*". George Orwell deu-lhe uma nuance: "*Quem define as palavras, define o mundo*". Ou, mais especificamente, poderíamos acrescentar: "*Diz-me quem fabrica as palavras que moldam o teu pensamento, e eu dir-te-ei de quem dependes*". Bem, o vocabulário que usamos é muitas vezes mediado por um significado que nos prejudica, mas usamo-lo alegremente ou permitimos que outros o façam. Assim, temos:

a) Tijolos poluentes fabricados para desprezar os hispânicos

Existem palavras ("genocídio, machismo, conquistadores, inquisição, intolerância...") que, devido ao seu conteúdo, exigem necessariamente o gentílico hispânico, mesmo que não se aplique a nós ou que outros tenham sido mais proeminentes nessa característica ou função. Por que razão aceitamos isso? Aqui, as mulheres não perdiam o apelido quando casavam, enquanto que noutros países, supostamente mais modernos, tinham de ver os filhos que geravam com tanto esforço carregarem apenas o apelido do pai.

Por outro lado, o termo "conquistador" não tem esta conotação negativa quando se refere a outros povos:

- ❖ O livro de Robin Lane Fox sobre Alexandre Magno tem como subtítulo: "*O Conquistador do Mundo*". Não importa que o seu legado tenha durado apenas 13 anos e que o território conquistado tenha sido significativamente menor em comparação com os feitos dos hispânicos.
- ❖ No livro de René Grousset, "*O Conquistador do Mundo: A Vida de Genghis Khan*", defende-se que Khan foi o maior conquistador da história, tendo protagonizado a epopeia mais surpreendente de sempre, e que os escribas persas o apelidaram de "*Conquistador do Mundo*".
- ❖ Júlio, chamado "César", apesar de ter provocado grandes massacres e até genocídios evidentes (mais de cem mil germânicos aniquilados).

b) Tijolos poluentes fabricados para glorificar outros

Por outro lado, existem palavras ("liberal, revolução, modernidade, iluminismo...") que, devido à sua conotação positiva, têm necessariamente de ser referidas por qualquer outro gentílico que não seja hispânico. Isto acontece mesmo que a primeira modernidade e grande revolução tenha sido aquela que uniu toda a humanidade comercial, tecnológica e cognitivamente no século XVI, ou que o iluminismo e o liberalismo não individualista tenham nascido na Escola de Salamanca.



c) Tijolos fabricados para roubar a nossa história e, por acaso, mudar a geopolítica.

Basta dizer que “América” não foi um termo cunhado pelos espanhóis ou pelos povos indígenas, mas sim por obscuros geógrafos da Europa Central. Isto permitiu que um país sem relação com os primeiros conquistadores, um país que dizimou a população indígena, dissesse “América para os americanos”, um gentílico nacional que adoptaram de forma bastante natural (não existe nada como *unitedstatesian* ou *unitedstatish* em inglês). Será que poderiam ter feito o mesmo com “As Índias”, o termo utilizado pelos espanhóis até ao século XIX? Sem falar da “América Latina”, que curiosamente se aplica precisamente ao território onde não se fala francês (o Haiti pertenceria às Caraíbas), e não ao Quebeque, por exemplo. Porque é que não existe uma “Angloamérica”?

d) Manipulação terminológica no século XIX para o nascimento da nação moderna

Enquanto o mundo hispânico se fragmentava em mais de vinte partes e entrava numa era de guerras civis (cinco só em Espanha) e de conflitos territoriais sobre fronteiras antes inexistentes, o resto do Ocidente estava ocupado a construir ou a reconstruir os seus Estados-nação, entre outros meios, através da manipulação da linguagem, sem que o mundo académico, curiosamente, o denunciasse. Assim, Karl ou Karolus, o Grande, passou da noite para o dia a ser chamado de “Carlos Magno”, tornando-se um herói nacional francês, embora ele próprio nunca se tenha auto-intitulado assim, uma vez que a língua era pouco falada na sua época. O Sacro Império Romano passou a ser descrito em todos os textos académicos e políticos como “germânico” por intermédio de Bismarck, mesmo que a Alemanha não existisse como tal até ao século XIX, para que o seu império fosse considerado o Segundo Reich e, assim, ligado ao legado romano.

No entanto, como já demonstrei no meu livro *“O Sacro Império Romano do Mundo Hispânico”*, o verdadeiro sucessor da civilização romana, que a levou ao extremo geográfico e qualitativo, em termos de infra-estruturas, leis e governo, carece de uma marca de prestígio (negligenciando, por isso, o papel que tais marcas desempenham) que o defina adequadamente e realce a sua verdadeira importância. Contudo, um certo Sabino Arana aproveitou-se disso para criar o termo “País Basco”, sugerindo uma realidade histórica que jamais existiu.

5. Então, qual seria o tratamento para ultrapassar os nossos traumas e complexos?

No livro, pelo preço de um exemplar, ofereço cinco sessões de terapia hispânica com os seguintes títulos:

- [1] Mude a sua história e a sua vida mudará;
- [2] Podemos libertar-nos da subjugação cognitiva;
- [3] Vamos resgatar a liderança hispânica do esquecimento para que nos possamos, mais uma vez, apoiar nos ombros de gigantes;
- [4] Lições práticas de filosofia hispânica e liderança hispânica para o mundo de hoje; e, finalmente,
- [5] Da indignação à ação com um plano sistémico para despertar a força unificadora.

Não tenho espaço para as aprofundar, mas posso oferecer algumas notas como aperitivo:



5.1 Devemos abandonar o estado de vítimas e tornarmo-nos, mais uma vez, conquistadores do nosso destino.

Vamos ultrapassar a ingenuidade e a queixa e arregaçar as mangas, seguindo o exemplo dos nossos antepassados que, com menos recursos, enfrentaram com sucesso desafios muito maiores. Chega de ser carneiro; aspiremos a ser lobos, não devorando ninguém, mas evitando que outros predadores nos devorem e saindo impunes. Todos podemos ser conquistadores porque todos nós já fomos. Os astecas não eram um povo do norte que chegou e conquistou outros ferozmente? Os povos ditos indígenas não eram, na sua maioria, aliados dos espanhóis na tentativa de reconquistar as suas terras aos astecas?

Esquecemo-nos do que fizemos juntos, o que equivale a dizer que nos esquecemos de quem éramos. Algumas ideias-chave a este respeito:

– “Fomos melhores do que nos fizeram acreditar.” Precisamos de nos lembrar de quem somos, pois pertencemos a um clube de talentos com cinco séculos de história.

– “Só se nos respeitarmos é que os outros começarão a respeitar-nos.” Precisamos de transformar as crenças limitadoras que nos bloqueiam e nos diminuem numa visão apreciativa do nosso passado em comum. Precisamos de escolher entre *divide et impera*⁵ ou *a união faz a força*, porque juntos tornamo-nos mais fortes e vamos mais longe.”

5.2. Devemos libertar-nos da vassalagem cognitiva.

Isto implica reconhecer que existe uma Hispanosofia própria e distinta, que não tem de ser tributária ou dependente de modelos cognitivos estrangeiros, superando a lisonja enjoativa do gaulês⁶ que nos domina.

Não se trata de defender o isolamento intelectual ou de estabelecer uma abordagem provinciana do conhecimento. Devemos estar abertos a qualquer contribuição relevante, independentemente da sua origem, mas começando pela nossa própria e explorando como as perspetivas externas complementam ou melhoram o que já está dentro da nossa esfera. Se precisássemos de ajuda, não começaríamos por perguntar à nossa própria família?

Outra coisa seria continuar a dançar conforme a música tocada por aqueles que querem que sejamos vassalos e escravos dos seus modelos cognitivos.

⁵ *Divide e vai dominar.*

⁶ Como afirmámos em “Hispania, Mãe e Refúgio”, o termo Gália (e todos os fonemas relacionados) era a forma mais apropriada de se referir a um povo a que os Gregos chamavam “Keltēs”, daí o nome comum Celtas.

Quando Júlio César começou a conquistar as povoações no que hoje conhecemos como França, ao descobrir que se chamavam gauleses, deu o nome de Gália a todo o território. Após a queda do Império Romano, a associação entre a Gália e a França manteve-se enraizada em todos os países romanizados.

Por conseguinte, o termo Gália tornou-se sinónimo de francês; quando, na realidade, os gauleses viviam desde a Hispania e as Ilhas Britânicas até à Anatólia, onde uma região habitada por gauleses era conhecida por Galácia, e os seus habitantes por Gálatas, aos quais o apóstolo Paulo escreveu uma das suas epístolas. Obviamente, quando o Dr. Gil Ibáñez fala da influência gala, está a referir-se à grande afrancesação absorvida por tantos hispânicos a partir do Iluminismo e, para muitos, pela figura admirada de Napoleão; apesar de ter enganado a família real espanhola para assumir o controlo de Espanha, o que não significava ser dono da península, mas praticamente de toda a América, e ter transformado os hispano-americanos em latino-americanos (Nota editorial).



De facto, poderíamos falar de um saber hispânico assente nos seguintes elementos: rectidão (não razão de Estado), pensamento simbólico (não apenas razão lógica), a diferença conceptual entre *quem se é/como se sente* (de verbos ausentes noutras línguas), intuição, misticismo e arte (Barroca). Devemos recuperar o nosso próprio pensamento e o dos filósofos hispânicos (Séneca, Lull, Gracián, Suárez, Vitoria, Unamuno, Andrés Bello, Vasconcelos, Borges...) com um regresso ao equilíbrio e ao sentido dos limites ("*nulla ethica sine finibus*")⁷.

Não será um abuso recorrer a um suposto relatório de Harvard para sustentar resultados ou conclusões questionáveis, baseadas no puro senso comum?: "As boas relações sociais são essenciais para uma vida feliz". Porque não recorrer a provérbios espanhóis? Por exemplo: "*Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és*" ou "*Quem se encosta a uma boa árvore encontra abrigo numa boa sombra*".

A qualidade destes estudos deve-se, geralmente, aos maiores recursos disponíveis, mas Harvard não é o novo Oráculo de Delfos, especialmente quando existem excelentes estudos de universidades e investigadores espanhóis que muitas vezes passam despercebidos ou são simplesmente ignorados. Aliás, recorde-se que, no século XVI, a NASA estava em Sevilha⁸ e Harvard em Salamanca, sem tanta pompa.

5.3. Em terceiro lugar, convido todos, mas especialmente os jovens, a empreender um acto de rebeldia há muito esperado: reivindicar a liderança hispânica.

As nossas crianças e jovens têm sido enganados por telepregadores-pedagotos obcecados em esconder-lhes que os obstáculos são uma parte inevitável de qualquer caminho de vida.

Marco Aurélio, aliás, imperador de origem hispânica, dizia que a vida é mais luta do que dança.

A formação do carácter sempre foi um elemento fundamental da educação, mas hoje parece que a sua missão é criar seres frágeis, dependentes e caprichosos, incapazes de suportar a frustração, e também convencidos de que têm o direito a que uma terceira parte (geralmente a família, a sociedade ou o Estado) garanta a sua felicidade.

Chegou o momento de exigir um novo modelo educativo que ajude a forjar o carácter e a transformar os medos em forças. Porque "*cada geração vale o que vale a sua capacidade de enfrentar dificuldades*", uma vez que só as dificuldades definem quem realmente tu és; porque sem dificuldades, não sabe quem é (é por isso que nos incomodam).

⁷ Não existe ética sem limites.

⁸ Adoro esta comparação: "Sevilha era a NASA no século XVI."

De facto, muitas vezes refleti sobre como reconhecemos facilmente o valor dos astronautas que se lançam no desconhecido do espaço exterior... ..

... .. e fico a pensar como é possível que, pelo contrário, não reconheçamos que os navegadores espanhóis se aventuraram na imensidão do Atlântico, para não falar do Pacífico; e, sobretudo, que não vejamos as enormes diferenças entre como se lança um foguetão da NASA e como se lança a partir de Sevilha:

Os astronautas sabem para onde vão, os espanhóis não sabiam; os astronautas sabem o que vão encontrar, os espanhóis não; os astronautas levam comida suficiente e bem calculada para o tempo que vão estar no espaço, os espanhóis não faziam ideia se teriam comida suficiente, ou quando ou onde poderiam reabastecer; os astronautas têm toda uma equipa de profissionais e tecnologia especializada a cuidar deles; os espanhóis não tinham nada além do seu própria capacidade e da sua fé em Deus (Nota editorial).



Todos temos um lado A (quando navegamos a favor do vento) e um lado B (quando as coisas não correm como esperado).

Um verdadeiro marinheiro só se torna um quando é capaz de navegar contra o vento e sair ileso das tempestades, tal como faziam os nossos antepassados esquecidos.

Os nossos jovens foram privados da sua História e dos modelos que lhes poderiam servir de inspiração, aqueles que, com muito menos recursos do que nós temos hoje, enfrentaram com sucesso desafios que pareciam impossíveis: como descobrir um novo hemisfério habitado por seres inteligentes ou circum-navegar o globo pela primeira vez.

A rebelião iminente visa recuperar a liderança hispânica. Para isso, não precisamos de recorrer à "coaching" anglo-saxónica. Se já ensinámos outros a liderar o mundo, enfrentando a complexidade e a incerteza como ninguém, porque não podemos atualizar as competências e capacidades que nos tornaram invencíveis? Sem falar da liderança católica. Se a Igreja Católica é a instituição mais antiga do Ocidente, certamente entende de liderança.

Ora, os hispânicos também contribuíram para isso ao fundarem ordens e movimentos tão eficazes como os Dominicanos, os Jesuítas, os Carmelitas Descalços, o Opus Dei ou o Caminho Neocatecumenal (os "Kikos"), independentemente da opinião que se tenha sobre eles.

Houve um tempo em que nos era oferecido o caminho do herói-sábio-santo. Hoje, a nova pedagogia privilegia a vítima perpétua ou o anti-herói. É tempo de "*reculer pour mieux sauter*"⁹, como dizem os franceses. Das muitas referências à liderança hispânica que utilizo no meu livro, citarei agora três:

—Antonio Medrano (1946-2022) acreditava que o carácter de um líder se definia pela "*nobreza, magnanimidade, grandeza de alma ou grandeza de coração*".

—Como disse Calderón de la Barca (1600-1681): "*Ao Rei, deve-se dar a própria riqueza e a própria vida, mas a honra é património da alma, e a alma pertence somente a Deus*". Conhece muitos modelos culturais que poderiam adotar este lema como princípio orientador?

—Jaime Balmes (1810-1848) (no século XIX, não havia problemas em ser de Vic e escrever o nome em espanhol) para quem o homem completo procurava a harmonia e o equilíbrio, sob o lema: "*A razão ilumina, a imaginação pinta, o coração vivifica e a religião diviniza*". Este ser humano completo foi enforcado pelo Iluminismo francês.

É tempo de recuperar a liderança hispânica. Todos podemos fazer parte desta nova aventura transoceânica

⁹ Recuar um passo para dar um salto em frente

É curioso que na Venezuela (e não sei se em qualquer outro país hispano-americano) se diga frequentemente: "*Nunca volte atrás, nem mesmo para ganhar impulso*". Ambos os provérbios, considerados isoladamente, são verdadeiros na sua essência; mas comparados, nenhum está correto. Talvez fosse sensato aplicar o provérbio espanhol "*Correr depressa não faz o sol nascer mais cedo*", indicando que, em qualquer circunstância, se deve primeiro considerar a situação e a melhor solução; que pode ser bom dar um passo atrás para ganhar impulso e dar um salto significativo em frente, ou talvez seja melhor avançar sem mais hesitações (Nota Editorial).



5.4. Em suma, trata-se de passar de *hispânicotolos* para *hispânicolobos*.

Immanuel Kant dizia: “*O modo de ser é fazer*”, e no campo da psicologia, Albert Ellis recomenda: “*Age, age, age contra as minhas ansiedades*”. Antonio Medrano acrescenta que “*O bom pensamento é o pai da boa ação*”.

O mundo hispânico não tem outra opção senão enfrentar o seguinte dilema: ou abandonar a sua inércia autodestrutiva e substituí-la por uma inérciacooprativa, ou permanecer vassalo de outros.

Se outrora fomos capazes de dominar a Pangeia, hoje basta-nos tentar recuperar a nossa identidade pan-hispânica perdida. Eduardo Galeano disse: “*Somos o que fazemos para mudar o que somos*”, mas talvez seja melhor dizer: “*Somos o que fazemos para descobrir o que somos*”.

Assim sendo, no capítulo final, apresento 20 medidas para a ação neste sentido, sob o lema: “*ora, cogita et labora*”¹⁰. Porque é que não temos um Hispawood, um Óscar hispânico digno desse nome, ou uma marca de reconhecimento gastronómico para a nossa cozinha, em vez de fazermos peregrinações a França para que os nossos “chefs” (o que há de errado com a palavra “cozinheiros”?) possam ter um pneu pendurado ao pescoço para nos dar publicidade gratuita?

6. Os doze exercícios hispânico-terapêuticos

Por fim, no final de cada capítulo incluo um exercício como meditação fortalecedora que ajuda a recuperar a autoconfiança e a autoestima perdidas. Doze capítulos, doze exercícios como as doze provas de Hércules: A seguir incluo o correspondente ao segundo capítulo. Sinta-se à vontade para fechar os olhos, se desejar; caso contrário, simplesmente ouça com a mente e o coração abertos.

Feche os olhos. Respire. Imagine que é uma pequena minhoca ingénua, míope e zanolho, mal se conseguindo mexer, presa num lugar escuro. Agora, sinta o desejo de se transformar numa borboleta alada e astuta, com visão panorâmica. Já sente a transformação a acontecer lentamente dentro de si e as infinitas possibilidades a abrirem-se diante de si... Já consegue ver a luz e as cores... Não foi assim tão difícil; só precisava de parar de ser um casulo.

De um hispânicotolo, tornou-se um hispânicolobo. Sente-se renovado, com uma força mental renovada e uma autoconfiança inabalável. Nada mais é impossível. Não está sozinho. Está sobre os ombros de gigantes. É membro de um clube de talentos. Pergunte a si mesmo: o que pode fazer pelo mundo hispânico hoje? Nem que seja apenas um pequeno passo. Respire. Abra os olhos...

Acordem! Nós somos hispânicos! Saiam e conquistem o mundo!

¹⁰ Reze, reflita e trabalhe.



José Manuel Bou Blanc

Perfil académico e profissional (em espanhol):

[\(Microsoft Word - C VITAE JOSÉ MANUEL BOU BLANC.docx\)](#)

Lenda Negra

Quando as mentiras sobre o passado de Espanha amputam o futuro de toda a Europa

...Continuação:

A mitologia criada em torno das “lágrimas dos índios”, que difama as ações espanholas na América, é especialmente cínica e desprezível, dado que foi criada e alimentada pelas mesmas pessoas que, de facto, os fizeram derramar tais lágrimas, chegando a exterminar grande parte deles. No entanto, apesar destes clamores aos céus, este é um tema recorrente, revivido pelo indigenismo nos últimos anos. Poderíamos mesmo dizer que é um tema em voga em toda a América.

Em contraste com a exploração dos povos indígenas pelos anglo-saxónicos na América do Norte, com o seu império “predador”, a Espanha realizou trabalho de evangelização, permitiu a miscigenação e considerou as questões éticas estranhas a outros povos e completamente incomuns na expansão imperialista de outras potências, ainda hoje. Normalmente a Lenda Negra utiliza os escritos de Fray Bartolomé de las Casas para justificar as suas mentiras sobre a presença espanhola na América, mas estes já foram desacreditados pelos seus exageros.

Por fim, podemos referir o Iluminismo francês, como último exemplo da tradicional Lenda Negra. Durante os séculos XVI e XVII, a França aproveitou-se da Lenda Negra em seu próprio benefício, mas sem acreditar totalmente nela.

Isto mudou no século XVIII com a chegada do Iluminismo: *“O que se deve a Espanha? E nos últimos dois séculos, nos últimos quatro, nos últimos dez, o que fez pela Europa? Nada lhe é devido.”* Assim se pode ler o artigo sobre Espanha escrito por Masson de Morvilliers, da “Enciclopédia Metódica”, publicada em França entre 1751 e 1772, sob a direcção de Denis Diderot e Jean Le Rond d'Alembert.

Influenciado pela Lenda Negra, Masson de Morvilliers dedicou-se a espalhar falsidades: *“Talvez seja a nação mais ignorante da Europa. As artes, as ciências e o comércio morreram nesta terra!”* Que esta é uma mentira humilhante é tão óbvio que se desmorona sob o seu próprio peso.

No entanto, a certa altura, acreditou-se na acusação sobre a inexistência da ciência espanhola porque a Igreja e a Inquisição impediram o seu desenvolvimento, quando na realidade na França iluminista havia também uma Inquisição e um índice de livros proibidos e, de facto, em Espanha os livros proibidos em França, Inglaterra, Estados Unidos e Canadá eram lidos livremente até meados do século XX



A verdade é que, durante o século XVIII, a França iluminista tinha um tesouro falido, Paris não tinha água corrente nem saneamento básico, e o seu sistema bancário era tão atrasado que desconhecia a letra de câmbio, que já eram utilizadas em Espanha desde o século XVI. Entre 1730 e 1795, ocorreram em França cerca de uma centena de levantamentos populares, motivados pela fome, sendo o de 1775 particularmente grave. Em Inglaterra, os levantamentos populares totalizaram 375 entre 1730 e 1795, 275 deles devido à fome, sendo o mais grave o de 1780, no qual, como na maioria dos outros, os católicos foram escolhidos como vítimas sacrificiais, deixando o bairro católico de Londres devastado.

Em Espanha, durante o mesmo período, ocorreu uma revolta semelhante: os famosos levantamentos de Esquilache. Parece que os pensadores do Iluminismo francês não estavam em condições de nos ensinar muito.

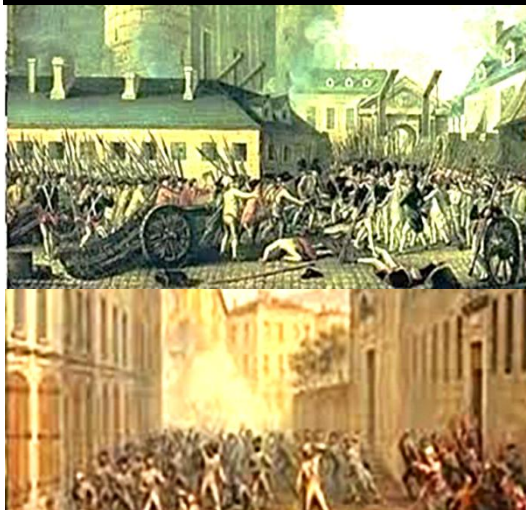
A primeira reação espanhola à Lenda Negra foi de indiferença e desprezo. O Império Espanhol estava tão acima das mentiras que lhe foram lançadas que as via com paciente benevolência. A maior parte da propaganda da Lenda Negra não foi respondida e quando foi feita foi com tratados teológicos ou auditorias de contas, textos rigorosos e profundos, mas que não chegaram ao povo comum tão facilmente como as imagens provocatórias de Lutero ou Calvino. A nobreza espanhola considerava repugnante ao seu carácter qualquer campanha baseada em mentiras, mitos, exageros ou “bairros de lata” os ataques pessoais ou insultuosos. Quando o Império começou a ruir, porém, a propaganda antiespanhola começou a surtir efeito, mas não existiam ferramentas para a combater.

Além disso, a mudança de dinastia após a Guerra da Sucessão de Espanha trouxe uma nova classe dominante a Espanha, originária de França, que, como estrangeiros, foi influenciada por muitas das ideias da Lenda Negra que circulavam para além das fronteiras espanholas. Durante o século XIX, começou finalmente a emergir um certo complexo de inferioridade face a uma Europa mais modernizada, que passou a ser percebida de forma idealizada e acrítica. A perda das últimas colónias de Cuba e das Filipinas representou um terramoto na Península Ibérica, difícil de compreender, ao ponto de abalar os alicerces intelectuais de toda a Espanha e obrigar à procura de culpados por aquilo que já era percebido como um absoluto fracasso. Onde encontrar esses responsáveis?

Acontece que a Lenda Negra ofereceu uma resposta coerente e simples (embora profundamente errada e falsa) a esta questão. Só precisava de um arco. Além disso, teve a vantagem de encontrar esses culpados num passado distante e assim absolver os actuais espanhóis, especialmente as suas classes dominantes e aqueles de tendência “progressista”, dos seus fracassos: Espanha tinha uma história falha e doentia da qual precisava de ser libertada.

Crise económica da França

Lolys Nathanael Nafarrate Lopez





O desastre de 1898, lamentável em si mesmo, mas exagerado ao extremo, representou uma terrível aceleração na aceitação da hispanofobia na própria Espanha e na criação de um complexo de inferioridade colectivo. Na história contemporânea, as ideologias liberais, progressistas e de esquerda sempre estiveram impregnadas desta visão.

Esta é a extensão do que tradicionalmente se considera a Lenda Negra. Contudo, é inegável que as falsificações sobre a história espanhola continuaram a estar presentes nessa tradição caluniosa, tanto nas reinterpretações do passado quanto na construção da história espanhola contemporânea mais recente.

Em relação ao primeiro ponto, podemos referir a negação da Reconquista ou a tentativa de adiar o mais possível o surgimento da histórica nação espanhola, considerando-a mesmo recente, como tendo sido fundada com a Constituição de 1812, ou a actual de 1978, ou ainda negando-a por completo, falando apenas do "Estado espanhol", mas questionando o seu estatuto de nação.

Quanto ao segundo ponto, a versão da história da Segunda República, da Guerra Civil, do Franquismo e da transição oferecida pelas leis da memória recentemente aprovadas pelo governo social-comunista do PSOE e do Podemos constitui, como já argumentei no meu ensaio vencedor do Prémio Pascual Tamburri, "*Memória Democrática, uma Nova Lenda Negra*", uma nova versão ou um novo tema da lenda negra, na medida em que desvaloriza os espanhóis e é em grande parte criada por autores anglo-saxónicos no âmbito da propaganda *frente populista* na Guerra Civil e da propaganda aliada na Segunda Guerra Mundial, embora seja hoje acreditada e disseminada principalmente por espanhóis de esquerda.

Nas últimas décadas, temos podido observar como se cria uma espécie de lenda negra em torno da cultura woke, que afecta toda a Civilização europeia-ocidental-cristã, da qual os espanhóis são uma espécie de vanguarda, com mais de 400 anos de avanço. De repente, a nossa tradição é acusada de ser racista, pró-escravatura, sexista, patriarcal e homofóbica, esquecendo-se que não foi a nossa cultura que inventou a escravatura, presente em todas as civilizações, mas sim a que a aboliu; nem é a que monopoliza o sexismo e a misoginia, mas, pelo contrário, a que demonstrou maior respeito pelos valores da feminilidade e da maternidade, impulsionados pela veneração religiosa católica à Virgem Maria.

Neste sentido, a luta contra a Lenda Negra Espanhola e pela verdade histórica representa a ponta de lança na luta contra a cultura woke e a culpabilização da nossa civilização, com a consequente diabolização do homem branco heterossexual ocidental, com tudo o que isso acarreta. O multiculturalismo, a ideologia de género e todos os subconjuntos do marxismo cultural apenas replicam o modelo da Lenda Negra, desta vez aplicado a toda a nossa cultura.

Como podemos ver, a Lenda Negra não explica apenas o declínio do Império Espanhol, mas também o de toda a cultura católica e do sul da Europa Latina; explica o ódio anticatólico e o anticlericalismo, e como as sementes da decadência que agora dão os seus frutos amargos foram lançadas durante a Reforma.



Representa também um precursor do ódio à cultura ocidental característico da ideologia woke e do progressismo em geral, e, por isso, combatê-lo é essencial não só para o renascimento de Espanha como uma nação respeitada e com presença no mundo, mas também para a preservação de toda a civilização cristã afetada por um terrível processo de decadência que ameaça varrer tudo o que amamos, deixando os nossos filhos sem futuro.

José Manuel Bou Blanc

Licenciado em Direito e escritor, autor dos livros:

“O associacionismo na Universidade de Valência. Um olhar crítico.”

“Crise e fraude” e

“O sonho de Espanha”

Vencedor do V prémio Pascual Tamburri de curta-metragem por:

“Memória democrática, nova Lenda Negra”

Colaborador regular de La Emboscadura, El Correo de España, Razón Español e Nihil Obs-tat, entre outros.

Funcionário público: técnico de gestão da SERVEF¹¹ e pessoal de administração e serviços da Universidade de Valência.

Nota do editor e diretor desta revista (aproveitando este espaço livre):

Considero importante esclarecer que o espírito desta revista não é o de elogiar nem o de denegrir qualquer crença religiosa, posição ideológica ou política; pois, pessoalmente, considero que todas estas são manifestações humanas, dignas de todo o respeito, desde que não sejam impostas ou perseguidas; pois acredito que toda a manifestação humana tem as suas razões corretas, bem como as suas razões erradas; dado que ninguém possui a Verdade Absoluta.

Esta é apenas a minha opinião, até que alguém me prove o contrário; porque, obviamente, posso estar errado.

Portanto, quando publicamos uma contribuição neste meio, é porque reconhecemos o valor dos autores e o facto de o artigo apresentar factos demonstráveis (a não ser que alguém opte por não os ver); independentemente de exprimir um ponto de vista pessoal de natureza religiosa, idealista ou política, que, por ser pessoal, pertence exclusivamente ao autor.

Assim, o mais sensato é cingir-se apenas ao que faz parte da história da humanidade; reconhecendo os aspetos benéficos ou prejudiciais que possam ter sido; mas não considerando-a boa ou má apenas com base em se foi obra dos hispânicos, dos saxões, dos otomanos, dos cristãos, dos muçulmanos, dos taoístas, dos ateus, dos esquerdistas, dos direitistas, dos..., dos..., porque essa não é a lente de aumento ou o microscópio com que devemos analisar os factos.

O mais saudável é encarar isto como a história de uma família humana que ocupa um pequeno, mas belo seixo que viaja pelo imenso e quase ilimitado oceano cósmico, e que aquilo que um indivíduo, um grupo, uma nação faz, seja o que for, bom ou mau, prejudicial ou benéfico, afecta o resto da humanidade, de uma forma ou de outra, e é isso que devemos compreender e aceitar.

Repito: esta é apenas a minha opinião, sob a qual dirijo e edito esta revista; e "até que alguém me prove o contrário, porque, obviamente, posso estar enganado", é assim que continuarei a proceder, na confiança de que se vão cingir apenas aos factos e não aos qualificações.

Pablo J.Luis Molinero

¹¹ Serviço Valenciano de Emprego e Formação; nome atual LABORA (TRABALHO)



Eduardo Gómez Moreno

Perfil académico e profissional (em espanhol):

https://www.unahis.com/_files/ugd/6ef621_935bb11f09ee41178443cb89939738ac.pdf

A quinoa, uma planta estudada por Bautista Monardes

Da catedral da cidade de Villavicencio, a Igreja de Nossa Senhora do Monte Carmelo.

Continuo com algumas das plantas estudadas por Bautista Monardes.

A quinoa é uma planta que hoje faz parte da alimentação humana e é especialmente indicada para os doentes diabéticos, que vêem nela uma maior esperança de vida.

Quando a quinoa chegou à Europa, curava também uma doença que dizimava ou ameaçava a população europeia, ainda mais grave do que as guerras que assolavam a Europa: a febre amarela.

Espero que gostem da história da quinoa e do grande homem que a trouxe até aqui, o Sr. Nicolás Bautista Monárdez.



Esta planta foi essencial para acabar com esta doença e torná-la semelhante à gripe. É também muito útil em qualquer tipo de febre. Devo também dizer que hoje a quinoa é plantada não só como medicamento, mas também como alimento para todos, pois esta planta é extremamente valiosa nutricionalmente.¹²



¹² A quinoa ou os grãos de quinoa contêm proteínas vegetais com ação antioxidante e anti-inflamatória, combatem o envelhecimento precoce, reforçam o sistema imunitário e previnem o desenvolvimento de doenças cardiovasculares (Nota editorial).



E, acima de tudo, é uma planta que une a América a Espanha, uma planta que prova que os nossos antepassados espanhóis não eram idiotas e que os nossos antepassados indígenas também não eram idiotas.

Além disso, demonstro também que o conhecimento das nossas plantas, dos nossos animais e de tudo o que nos rodeia atualmente na nossa geografia ou orografia deve ser plenamente compreendido para que possamos explorá-los corretamente e alcançar uma melhoria significativa na qualidade de vida, procurando, obviamente, respeitar o ambiente sem deixar o homem, o ser humano, para trás, porque devemos reconhecer que o homem, ao melhorar o seu ambiente, melhora as suas perspectivas e até a sua economia e a sua vida.

Nos aspectos fundamentais que referi, a quinoa era também valorizada por curar a malária em alguns casos; também para baixar a febre quando estava muito alta, mesmo que não fosse febre amarela, e também alguns tipos de doenças virais que conhecemos hoje.

A quinoa tornou-se um produto extremamente valioso e, juntamente com outros produtos das Américas, era mesmo um segredo de Espanha, uma vez que o país não os partilhava facilmente com ninguém, como a cochonilha¹³, este parasita que vive no cato figo da índia; incluindo o figo-da-índia¹⁴ e outros produtos que a Espanha encontrou nas Américas não só mudaram o vestuário e a moda, mas também a alimentação do mundo, algo que deveria mudar para sempre a nossa concepção de Espanha, porque foi essa mesma Espanha, graças aos seus evangelizadores e eruditos da Igreja Católica que se encarregaram de ensinar, de transmitir conhecimentos, e graças aos fundamentos que deixaram na nossa memória, mudou para sempre, para melhor, a vontade de viver dos nossos antepassados, até mesmo dos nossos avós.



Além disso, é de salientar que, graças a estudos realizados pela Inquisição e pelo Sr. Nicolás Bautista Monardés, sabe-se que até o seu filho tinha laços intrínsecos com Martín Galeano, fundador da cidade de Vélez Santander, atualmente na Colômbia; e que, além disso, a família Bautista, que se concentraria na Colômbia após a independência colombiana, migraria para o Equador e para o Chile, e sabe-se que muitos dos antepassados do Sr. Monardés permaneceriam na Colômbia e, a priori, muito tempo depois da independência, chegariam aos planaltos orientais da Colômbia.

¹³ Utilizado na criação de corantes vermelhos (Nota do editor).

¹⁴ O cato figo-da-índia, do qual se aproveita praticamente tudo, ajuda a controlar o açúcar no sangue, reduz o colesterol e promove a perda de peso (Nota do editor).



Tudo isto faz parte das nossas vidas, demonstrando que homens instruídos, sábios e, acima de tudo, pessoas que amavam este continente e desejavam o melhor para ele, também vieram para aqui; mas compreendendo que eram seres humanos e que podiam cometer erros e pecados, pois isso é inerente à humanidade; mas o facto é que melhoraram a nossa qualidade de vida, compreenderam os nossos espaços e mudaram o nosso mundo para sempre.

Nicolas Bautista Monardes



Não gostaríamos de partir sem recordar que toda esta flora e fauna benéficas chegaram à Europa vindas da América, e cujos benefícios foram conhecidos graças a este grande homem, graças ao seu conhecimento e por ter vivido em Sevilha, poder ter à disposição os produtos que chegavam do Novo Mundo.

Ainda mais. Possuía também um jardim botânico onde podia estudar plantas de terras distantes e obter os seus usos medicinais, nutricionais e decorativos.

É certo que esta figura é desconhecida no mundo hispânico porque, muitas vezes, apenas as vidas dos conquistadores e dos contadores de histórias nos interessam, e a Lenda Negra levou-nos a acreditar, em toda a Espanha, que eram apenas brutos com enorme sorte e sede de dinheiro, ouro e prata, ou outros mitos; por exemplo, que os conquistadores eram apenas brancos e que os índios e os negros nunca participaram nisso, e este é um ressentimento muito falso, uma vez que a maioria dos conquistadores eram indígenas que ajudavam uma minoria branca; foram estes homens, e não os brancos, que estavam interessados em terras e numa nova vida naquela conquista.

Nicolas Bautista Monardes Alfaro foi um gigante da medicina, medicina dentária, fluorescência, biologia e farmacologia. Recebeu (para estudo e cultivo) toda a flora que chegava das terras espanholas e publicou, em três volumes, a sua "História Medicinal das Coisas Trazidas das Nossas Índias Ocidentais", obra estudada por médicos e estudiosos europeus, que chegaram a ter em conta as recomendações que deu sobre os rigorosos padrões de saúde que as tripulações dos navios deviam seguir.

Tudo isto nos leva a concluir que a ciência espanhola estava muito à frente do seu tempo, ao contrário das insinuações tolas feitas contra ela.

Como sabem, o meu nome é Eduardo Alberto Gómez Moreno, membro da Casa Histórica de Hualongo e Quesada. Daqui de Villavicencio, junto à Catedral de Nossa Senhora do Monte Carmelo, desejo-lhe um dia feliz.

Muito obrigado.



Julio José Henche Morillas

Perfil académico e profissional (em espanhol):

[6ef621_fb1078d46de14aaab16dd7570651d185.pdf](#)

Leis das Índias **e a** **Estruturação da América Hispânica (2)**

A suposta desconexão entre as leis americanas e a sua aplicação não se baseia na realidade, nem sequer num mínimo de lógica pura. Em primeiro lugar, porque temos amplas provas verificáveis da sua aplicação e, sobretudo, do seu poder coercivo; é, da sua capacidade de dissuadir e obter o respeito dos seus destinatários, quer por medo de punição, quer pela consciência humana da sua conveniência e justiça.

Sim, houve casos de incumprimento – e tenham, sem dúvida, ocorrido –, mas não são muito diferentes dos que temos hoje em todos os sistemas jurídicos atuais, supostamente equitativos e desenvolvidos, em todo o mundo conhecido, como em casos de tráfico de droga ou de violações dos direitos laborais. Estes acontecimentos ocorrem diariamente sem que possamos concluir que as leis nos Estados Unidos, França, Argentina ou Chile não estão a ser cumpridas porque existem violações flagrantes das normas que proíbem o tráfico de droga ou o abuso nas relações laborais.

De vital importância para a eficácia das leis foi o Conselho das Índias, que não só preparou as disposições que governariam territórios tão vastos com base em numerosos relatórios e memoriais recebidos, como também assegurou que o sistema jurídico fosse aplicado sem hesitação. Este órgão régio, na prática, funcionava como um verdadeiro órgão de governo. Incluía muitos juristas espanhóis ilustres de renome europeu e que estiveram na vanguarda da cultura jurídica espanhola entre os séculos XVI e XVIII. A promulgação das leis era preparada por uma abordagem doutrinal rigorosa ou, mais tarde, era objecto de constante estudo científico.¹⁵

As leis foram originalmente formuladas não só a partir de estudos eruditos de juristas de renome na Europa, mas também a partir de relatórios e memoriais que eram elaborados com grande frequência e surpreendente facilidade, chegando aos reis de Espanha com um relato muito detalhado da situação; os reis tinham, como afirma o antigo presidente da Academia Americana de História, Lewis Hanke: “*A firme vontade de fazer justiça e ordenar a vida da sociedade na América através da lei, e mesmo as soluções atendiam frequentemente mais à ideia de aplicar a justiça do que a favorecer os interesses em jogo.*”¹⁶

¹⁵ Alfonso García Gallo. “Espanha” pág. 263.

¹⁶ Afonso García Gallo. “Espanha” p. 262. “A ciência jurídica na formação do direito hispano-americano”. Obra anteriormente citada.



Prova desta vontade foi a intensa e conflituosa luta dos reis para abolir as encomiendas¹⁷, em detrimento não só dos interesses de alguns colonos espanhóis da América, que consideravam uma afronta a extinção dos direitos de sucessão das encomiendas, conforme ordenado por Carlos V com as "*novas leis*". Esta luta culminou com os levantamentos armados de Gonzalo Pizarro, Francisco Girón e Francisco Sánchez, notáveis da sociedade espanhola que acabaram executados pela sua rebelião contra as "*novas leis*", mas também contra os próprios interesses do rei, que colocava a justiça e o seu dever acima de Deus, antes de cuidar dos cofres reais debilitados¹⁸.

Por fim, o sistema de encomienda entrou em colapso sob o seu próprio peso com o desenvolvimento das cidades e a construção de sociedades mais avançadas que ofereciam uma vasta gama de produtos e serviços, os quais geraram as principais atividades económicas¹⁹ e relegaram a influência deste sistema de concessões reais.

Estas leis serviram também de precedente para a **Declaração Universal dos Direitos Humanos**²⁰. Os monarcas espanhóis, sem exceção, demonstraram o seu empenho e determinação em proteger os povos indígenas, que consideravam iguais a todos os outros súbditos dos seus reinos. Especificamente, um livro (Volume II, Livro VI, Títulos I e II) da *Compilação das Leis das Índias* de 1680 aborda a liberdade e a proteção dos povos indígenas, sem descuidar as disposições noutros títulos desta compilação de leis que se iniciou no mesmo ano de 1493 com o regresso de Colombo à Península.

Como escreve James Bryce na sua obra "*South America: Observations and Prints*", publicada em Londres em 1912²¹, existiam diferenças entre a América espanhola e a inglesa. Na América espanhola, "*não havia ódio racial. [...] Os espanhóis na América não tratavam os indígenas como os ianques, os holandeses ou os ingleses. Não havia ali a aversão que se observa na Califórnia ou na Austrália em relação aos chineses, indígenas e japoneses.*" Explica as razões para tal apontando para as diferenças entre o catolicismo e o protestantismo, "*onde o indígena na América espanhola nunca foi considerado um escravo, e onde os espanhóis, ao chegarem à América, consideravam os seus filhos mestiços como descendentes legítimos.*"

¹⁷ As encomiendas eram sistemas de concessão real para a exploração de minas, pesca de pérolas, quintas agrícolas e pecuárias, que em troca eram obrigadas a instruir os nativos na fé e a pagar o quinto real, ou seja, um quinto dos lucros, ao Rei.

¹⁸ O rei Carlos V recebeu uma oferta de compensação de 21 milhões de pesos de ouro para evitar a abolição das encomiendas, oferta que o rei recusou.

¹⁹ As encomiendas, porém, afetaram um número muito reduzido de habitantes nativos. Apenas 20 famílias espanholas em Lima realizavam encomiendas dos 5.000 residentes espanhóis em Lima em 1570. Sobre a importância das cidades, bem como das suas instituições de governo, como as câmaras municipais (cabildos), onde os cidadãos tinham participação direta em vários assuntos, ver **Francisco Núñez Del Arco Proaño**: "*Quito Fue España. Historia del Realismo criollo*" (Quito era Espanha. História do Realismo Crioulo) (Editorial Nuestra Historia, 2019, p. 73) e o meu próprio trabalho, "*Leyes de Indias. Ordenamiento de protección de la monarquía hispana a los pobladores nativos de América*" (Leis das Índias. Regulamentos para a proteção dos habitantes nativos da América pela monarquia espanhola) (Círculo Rojo, 2021).

²⁰ Este pormenor é desconhecido da maioria das pessoas comuns, nem mesmo do povo espanhol; mas é relativamente reconhecido nos níveis hierárquicos internacionais, dado que a sala de reuniões do Palácio das Nações, sede das Nações Unidas em Genebra, a pedido de Salvador de Madariaga, então embaixador, recebeu o nome de "Sala Francisco de Vitória"; dado que este frade dominicano, professor da Universidade de Salamanca, foi quem redigiu e entregou ao Imperador Carlos I/V a minuta do que viriam a ser as Leis das Índias (Nota do Editor).

²¹ Citado por **Julian Juderías** em "*La Leyenda Negra*" (A Lenda Negra) p.143, Atlas Editions, 2007". A obra pode ser consultada e adquirida em Iberlibro.com.



Por isso, as leis tentam refletir essa realidade.

Em matéria de casamento, a política estabelecida desde o início pelos Reis Católicos foi decisiva; não só sancionando, mas também promovendo os casamentos inter-raciais em 1503, uma vez que, segundo a sua visão católica, era totalmente inadequado e inaceitável ter filhos mestiços sem os converter ao cristianismo à nascença, através do batismo. A rainha Isabel, em particular, ficou profundamente revoltada com tais situações nas Índias, pois acreditava que o propósito primordial que lhe fora confiado pela providência divina com a Descobrimto era a salvação das almas e a conversão das terras pagãs ao Cristianismo.

Em contrapartida, recorde-se que, até 12 de Junho de 1967, por decisão do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, o casamento inter-racial não era permitido em 16 estados da América do Norte. Nem os franceses, nem os holandeses, nem os portugueses, nem os ingleses foram os criadores do direito das nações ou do direito internacional, muito menos de sistemas jurídicos que tratassem os povos nativos como seres semelhantes a vassalos dos seus reinos. Foram os teólogos Francisco de Vitoria e Francisco Suárez, entre outros, que contribuíram, com as primeiras doutrinas, para a essência do que hoje entendemos como direitos humanos, direitos naturais universais inerentes a todo o ser humano.

O filósofo italiano do início do século XX, **Giovanni Gentil**, considerava que esta geração de pensadores foi a que *"lançou os fundamentos do direito internacional, estabeleceu as bases e criou o método apropriado, não só em questões como os limites da soberania, a navegação nos mares, os direitos inatos e naturais de todos os homens, mas também no próprio campo do direito penal"*²².

Por outro lado, foi a Universidade de Oxford em 1934 que, através do seu professor emérito **J. Brown Scott**, não hesitaria em afirmar, na sua obra *"A origem espanhola do Direito Internacional. Francisco Vitória e o seu direito das Nações"*, que, com um título tão explícito, afirmaria que a origem do direito internacional se encontrava na doutrina do Padre Vitória que imbuía o espírito e a essência das leis das Índias, este teólogo influenciou muito particularmente o Imperador Carlos V em favor do reconhecimento dos direitos de homens dos quais se propõe profundamente, não só o reconhecimento e a declaração dos direitos naturais inerentes a todo o ser humano, como o eram os indígenas das Índias, mas também confessa que os mesmos princípios humanitários já haviam sido expressos anteriormente nas mesmas leis de Burgos de 1512, leis intituladas com um nome suficiente eloquente da vontade do rei, uma vez que são promulgadas *"para o bom tratamento dos índios"*.

O historiador português **Jaime Cortesão** contrapõe as diferentes formas de colonização dos impérios português e espanhol. Considera a expansão espanhola na América como um modelo de expansão que combinava objetivos civilizacionais e de conquista. *"O colonizador espanhol era jurista, soldado e cavaleiro. Os portugueses procuravam os benefícios do comércio, e os espanhóis, o prestígio do poder"*²³.

²² Julian Juderias. Espanha. *"La Leyenda Negra"*. p. 114-115. Ediciones Atlas. 2007.

²³ José Pérez. França. *"Mitos e lugares-comuns da História de Espanha e da América"*. p. 194; Algaba Edições. 2006).



O termo “colónias” na América Hispânica nunca foi utilizado nos documentos oficiais ou no vocabulário comum, pois as terras da América eram consideradas reinos ou províncias, plenamente equivalentes às de Espanha.

O próprio Filipe IV emitiu um decreto real afirmando que a expansão de Espanha na América não deveria ser chamada de “conquista”, pois isso “*distorce*” a realidade.²⁴

Os deputados reunidos em Cádiz para redigir a primeira Constituição espanhola de 1812 autodenominavam-se “*Espanhóis da Península e Ultramarinos*” e muitos homens dessas terras, num período tão trágico como o que a península vivenciava com a invasão napoleónica, assumiram os mais altos cargos do Reino, como a própria regência que substituiu o Rei de Espanha aprisionado no castelo de Valençay, assumida pelo quiteense **Joaquín de Mosquera y Figueroa**, que passou a presidir o Conselho de Regência em 1812 e a assinar os decretos como “*Eu, o Rei*”, conforme lhe correspondia a dignidade do seu cargo em representação e substituição temporária de Sua Majestade aprisionado em França.

Deste Conselho de Regência faziam ainda parte **Miguel de Lardizábal y Uribe**, natural da Nova Espanha e amigo íntimo do rei Fernando VII, e **Pedro de Agar y Bustillo**, de Bogotá. Isto demonstra claramente a igualdade dos cidadãos nas Américas.

Nas palavras do professor equatoriano Jaime E. Rodríguez O., docente da Universidade de Irvine, na Califórnia: “*A emancipação da América não consistiu apenas na separação da metrópole, mas também destruiu um vasto e responsivo sistema social, político e económico que funcionava bem apesar das suas muitas imperfeições. A monarquia espanhola, de alcance global, revelou-se flexível e capaz de gerir as tensões sociais, os conflitos políticos e os interesses económicos durante quase trezentos anos. Apesar das suas ineficiências e desigualdades, a monarquia espanhola tinha a força necessária para participar eficazmente na economia global.*”²⁵

Em suma, as Leis das Índias foram um instrumento estruturante para as sociedades americanas, cuja influência não só é evidente nos dias de hoje, e cuja presença é inegável.. Desconsiderar ou ignorar o seu contributo é simplesmente negarmo-nos a nós próprios e desprezar a nossa herança.

A passagem do tempo não é motivo para ignorar a História, se pelo menos alguns de nós se esforçarem por a evitar que isso aconteça. Este esforço é necessário e valioso contribuindo para ultrapassar equívocos e omissões imperdoáveis, a bem da nossa sociedade e das gerações futuras.

Júlio José Henche Morillas
Fevereiro de 2026

²⁴ Decreto XXIX das Populações. Lei VI, Livro I do Título II. Volume II de Filipe IV, de 11 de junho de 1621, em Madrid.

²⁵ **Jaime E. Rodríguez O.** Equador. “*Ensaio Revolução e Colapso, publicado em A Revolução Política: Entre Autonomias e Independências na América Espanhola*”. Editora Marcial Pons. História Contemporânea da América. 2020.



Patricio Roberto Lons

Perfil académico e profissional (em espanhol):

[Microsoft Word - Patricio Lons CV reajustado.docx](#)

Sobre a morte de Eduardo Galeano e o seu discurso anti-hispânico

Senhor Eduardo Galeano:

Adorava tê-lo encontrado nas margens do Rio da Prata para lhe dizer estas palavras pessoalmente.

Em relação ao seu discurso, em que mistura a epopeia espanhola e o imperialismo anglo-saxónico, quero deixar-vos com estas linhas, desejando de todo o coração que ele esteja a ver a verdade eterna, que a sua alma se tenha reconciliado com Deus e que descanse em paz.

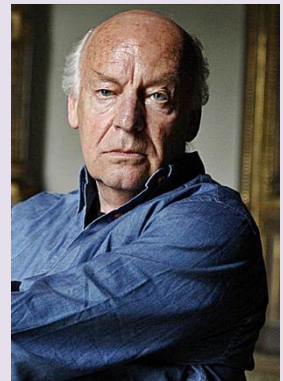
Em princípio, ninguém duvida que os abusos ocorreram durante a conquista do Novo Mundo, como sempre acontece, ainda hoje, quando se está perante populações desconhecidas; contudo, o resultado final foi uma civilização em que os povos nativos acabaram por beneficiar.

O que lhes teria acontecido se a Inglaterra tivesse chegado como chegou depois de 1810, impondo revoluções secessionistas? Teriam sido exterminados, como fizeram os liberais uruguaio anglófilos, não deixando um único charrúa vivo, chegando ao ponto de vender estes últimos a um jardim zoológico belga.

Sim, os uruguaio, já independentes e repletos de frases retiradas da Paris revolucionária de 1789, vendiam índios como escravos, e estes foram resgatados pelo povo belga, que se comoveu com a sua piedade católica, piedade essa que rejeitaste, dado que és filho do laicismo uruguaio, uma característica intelectual que impede de discernir a história nos seus valores escatológicos.

Uma característica artificial criada para nos despojar da fé que nos unia de ambos os lados da Argentina.

Só o devoto católico José Gervasio de Artigas, líder do Rio da Prata e Protetor dos Povos Livres, que chegou a servir como catequista durante o seu exílio no Paraguai, defendeu os índios Charrúa como irmãos.





E por causa da sua identidade cristã, nunca deixou de se sentir argentino, mesmo que o Estado uruguaio o eleve ao altar de pai da nação; pelo contrário, foi um verdadeiro Protetor dos povos livres e, por isso, também do povo Charrúa.

Como vemos, o problema dos povos indígenas das Américas começa com a secessão da América após a separação de Espanha, situação que conduziu a uma catástrofe geopolítica de dimensões globais, em que nos perdemos uns dos outros, nos enfraquecemos e ficamos sujeitos aos interesses comerciais de Londres. O nosso fracasso social começou no início do século XIX. Mas ppeço-lhe, Eduardo, que consideremos outros pontos.

E se os chineses tivessem concluído com sucesso as suas expedições à América? O que teria acontecido? Bem, os asiáticos chegaram há milhares de anos, talvez alguns um século antes, e permaneceram. Não regressaram à Ásia, e a sua cultura não avançou paralelamente à dos seus primos que permaneceram na China ou na Mongólia. Foram declinando grupo após grupo, tribo após tribo, até que deixaram de se reconhecer e começaram a matar, a dominar, a escravizar e até a praticar canibalismo uns com os outros. Eram incapazes de misericórdia e caridade para com os seus vizinhos, pois estas qualidades são um legado do cristianismo, com o qual não estavam familiarizados.

Falar à distância sobre o respeito por todas as culturas é muito fácil com uma garrafa térmica e um mate na mão²⁶, mas se for a vítima sacrificial num altar de sacrifício humano, as coisas mudam de figura. Consideremos outra opção para o nosso continente.

E se a Rússia tivesse continuado a sua expansão para além do Alasca russo? Terá entrado em conflito com as primeiras tribos, talvez evangelizando-as à sua maneira, como fez com os povos das estepes da Sibéria, onde alguns estudos acusam os russos de genocídio? Mas foi a vontade de Deus; sim, daquele Deus que pesca almas e é filho de um pobre carpinteiro, embora de sangue real e inimigo da usura, que graças à América Hispânica, o Ocidente fosse católico e não ortodoxo russo, muito menos confucionista.

Assim se desenrolou a história. E, ao longo dela, houve feitos, progresso, abusos, alegrias e infortúnios, heróis e cobardes, almas generosas e avarentas, santos e pecadores, tal como a humanidade tem sido desde o pecado original. Não vivemos na Disneylândia; aquilo é apenas um jogo. A realidade não existe, e as utopias afastam-nos daquilo que é bom. Não nos fazem avançar, como disseste em tempos, mas sim recuar, geralmente de forma sangrenta, como demonstram as grandes revoluções que nunca melhoraram a vida humana; simplesmente encheram-na de sangue.

Mas, sempre que possível, a Espanha impôs limites tanto à barbárie indígena que acabou por levar ao abandono do canibalismo e dos sacrifícios humanos, como ao abuso dos *encomenderos*²⁷, muitos dos quais são questionados quanto à autenticidade da sua fé e origem espanhola.

²⁶ O autor refere como é confortável dar uma opinião sobre o que não se sabe, relaxado na sua poltrona favorita, a beber mate, tal como noutros países (fora do Cone Sul da América, onde é costume beber esta infusão de folhas de erva-mate), alguém pode estar relaxado, sentado, a beber uma cerveja ou qualquer outra bebida e a adaptar as coisas à sua opinião monolítica anterior, em vez de analisar em profundidade (Nota editorial).

²⁷ *Encomendero*: Pessoa que, por concessão da autoridade competente, tinha vários índios a seu cargo (Nota editorial).



As Leis das Índias, que protegiam os povos indígenas, eram a base do direito internacional, pelo que, mesmo com os abusos, as coisas eram feitas melhor do que eram e melhores do que os ingleses ou holandeses teriam feito, pouco inclinados a respeitar a vida dos outros, mas eram rápidos a pagar aos escritores locais para denegrir a nossa civilização.

Mas lembrem-se, meus compatriotas da Banda Oriental! que os verdadeiros abusos contra os povos nativos vieram dos revolucionários que se apoderaram das suas terras, a partir de Maio de 1810, em nome de um igualitarismo que não praticavam, mas que, pelo contrário, se enriqueciam servindo Londres e empobrecendo os seus irmãos americanos.

E prova disso era que a maioria das tropas realistas era composta por negros e índios livres, alguns deles, e não poucos, com a patente de generais que, sem recuar um passo ou ceder aos cantos de sereia dos pseudolibertadores, pagaram com a própria vida a sua fidelidade a um ideal de civilização cristã.

Existem inúmeros testemunhos de povos indígenas horrorizados com o ataque revolucionário a uma religião que os tinha libertado de um paganismo que apenas conhecia atrocidades.

Progredimos nestes duzentos anos, ou dividimo-nos durante um século XIX repleto de guerras internas, continuações da grande guerra civil que resultou na nossa divisão em vinte e cinco países?

Seremos mais fortes do que quando juntos formávamos uma única potência com uma moeda que circulava até no Oriente e em África, ou somos mais fortes agora com moedas em constante desvalorização e sem peso internacional entre as nações mais poderosas?

Hoje, estamos à beira de mais uma secessão territorial, e ninguém reage; em vez disso, criticam a resolução de 1492 sem reconhecer que, desde 1982, nos foram tomadas partes do Mar Argentino, ilhas e da Antártida. E continuam a fazê-lo, invadindo os nossos interesses. E esta "apropriação" não se restringe apenas aos argentinos e chilenos, mas a todos os povos latino-americanos que, divididos, se tornam cada vez mais frágeis.

Em dois séculos, os próprios alicerces da nação formada por estas Espanhas americanas raramente conseguiram erguer-se. E os que tentaram acabaram fuzilados ou perseguidos, vilipendiados e difamados, e até mutilados após a morte.

Você, Eduardo, escreveu muitas páginas, algumas das quais levaram muitos jovens à morte por uma ideologia que não nos ofereceu qualquer solução. Esse é o seu fardo.

As palavras não são neutras; cada uma transporta um peso que perdura através do tempo. Por isso, vale a pena analisar as coisas como são e como realmente foram, para perceber como e quando caímos neste abismo, e assim saber o que devemos fazer para sair dele e o que fazer com o nosso destino, para que possamos escrever as nossas próprias páginas neste livro tão difícil que é a história universal.



Pilar de Aristegui

Perfil académico e profissional (em espanhol):

[Pilar de Aristegui](#)

Preâmbulo: Segue-se um resumo, fornecido pela Sra. Pilar Aristegui, de uma das suas muitas conferências, na qual falou sobre as inúmeras mulheres hispânicas que, com determinação e coragem, foram arquitetas e pilares na construção do grande Império Hispânico; grande não só em tamanho, mas também no seu efeito civilizador. (Nota editorial)

Dona Pilar: “Tive a honra de proferir a palestra “Mulheres que Forjaram Espanha”, na Sala Cánovas do Congresso dos Deputados. Comecei pelas saudações habituais, mas queria recordar, naquele lugar e naquele dia, dois fiéis servidores do Estado; sim, repito, fiéis servidores de Espanha: o meu marido, Carlos Abella, Embaixador de Espanha, Cavaleiro de Sua Santidade e Grão-Chanceler da Ordem Constantiniana, cujo aniversário era naquele 13 de abril. Três dias depois, era o aniversário do meu irmão, Pedro de Arístegui, Embaixador na Embaixada de Espanha no Líbano.”

Introdução: O objetivo desta conferência é fornecer dados e factos que comprovem que a Espanha não era a nação obscurantista e fanática retratada pela Lenda Negra. Muito pelo contrário. A primeira vez que estas quatro palavras, "Direitos das Mulheres", foram proferidas foi nas Cortes de Leão, em 1188.

As mulheres na formação do Império Hispânico

Vou falar brevemente sobre mulheres que fizeram história, em Espanha e nas Américas. Contarei os factos e os pormenores; poderão tirar as vossas próprias conclusões.

São figuras de diferentes estaturas e identidades. A par do poder, da tenacidade e da imaginação de Isabel I de Castela, está a determinação da primeira almirante da história, Isabel Barreto, em descobrir a Austrália; ao lado da inspirada regência de Ana de Áustria, encontra-se a arte, a determinação e o talento da primeira escultora do rei, Luisa Roldán.

Mas todas elas (Urraca I de Leão, Petronila I de Aragão, Isabel I de Castela, Isabel Barreto) desafiaram os seus adversários. Por que razão o fizeram?

Primeiro, porque tinham a força para lutar pelo seu objetivo. E, além disso, um subtil fio condutor une-as:

Em Espanha, as mulheres herdaram e reinaram. E às mulheres foi dada a oportunidade de governar, uma vez que Castela e Leão sempre reconheceram o direito da mulher a reinar reinar em detrimento dos seus tios. Esta tradição secular de governo feminino começou no século XII com Urraca I de Leão, que foi a primeira rainha na Europa com Plenos Direitos.

Para consolidar esta situação, um pouco mais tarde, em 1188, as Cortes de Leão mencionaram pela **primeira vez** na Europa (embora de forma provisória) alguns incipientes **direitos das mulheres**, o que fortaleceu a posição feminina.



As instituições apoiam as mulheres. E todos estes acontecimentos terão um forte impacto na história de Espanha.

Esta não era a norma nos países vizinhos: devemos recordar a proibição nos reinos e principados da península italiana.

Quanto à França, não eram rainhas reinantes, dado que a Lei Sálica foi estabelecida em França sob o reinado de Clóvis, rei dos Francos (507-511). Os historiadores franceses modernos reconhecem Branca de Castela e Ana de Áustria entre as maiores rainhas de França.

Porque existem duas governantes admiráveis, duas rainhas, em França, ambas espanholas?

Porque vinham de uma sociedade onde as mulheres eram educadas para reinar e onde a sociedade respeitava o governo feminino. Por esta razão, duas rainhas, Branca de Castela, consorte de Luís VIII e mãe de nada mais nada menos que São Luís, rei de França, e Ana de Áustria, filha de Filipe III, mãe de Luís XIV, governarão como inspiradas regentes do reino. E foram aceites apesar de serem espanhóis e das complexas vicissitudes políticas que tiveram de enfrentar.

Um acontecimento que abalou e dividiu toda a Europa reforçaria a presença das mulheres na sociedade espanhola: a Contrarreforma. Esta reação à Reforma consolidou o estatuto social da mulher. É de salientar que, no mundo católico, a Contrarreforma elevou Maria não apenas como Mãe de Deus, como afirmava a Reforma, mas como Colaboradora Essencial. Para os católicos, ela tornou-se a Medianeira efetiva diante do seu Filho Jesus, que repetidamente a chamou Mulher (nas Bodas de Caná e aos pés da Cruz).

Um exemplo notável desta sociedade e época é Carlos V, o imperador que utilizou as mulheres do seu círculo mais próximo – a sua tia Margarida e a sua irmã Maria – como governadoras da Flandres nas suas manobras políticas. O que quero dizer é que a liberdade feminina não é uma invenção do século XX; houve mulheres que lutaram para alcançar os seus objetivos. Esta é a verdadeira história que devemos àquelas mulheres que abriram caminho para a liberdade de outras mulheres.

Urraca I de León (1081 - 1126)

Urraca I de Leão inicia a importante série de figuras femininas que marcaram a história de Espanha. Nascida em Leão, filha de Afonso VI e de Constança da Borgonha, foi a primeira rainha por direito próprio de Espanha e na Europa. Urraca I dá início à brilhante sucessão das rainhas de Espanha e tem a honra de ter sido madrinha de armas de Rodrigo Díaz de Vivar, El Cid, investido na Igreja de Santiago dos Cavaleiros em Zamora. Rainha durante 17 anos, desafiou as ideias do seu tempo com serenidade e imaginação, sendo um verdadeiro exemplo de determinação. Urraca, ao contrário do que acontecia nos países vizinhos, foi educada para governar.





Ela assim o faz, ganhando a alcunha de "A Ousada". Casada com Raimundo da Borgonha, tem dois filhos, Sancha e Afonso.

Como viúva, volta a casar com Afonso de Aragão, ao lado de quem lutará no campo de batalha para defender os direitos de sucessão dos seus filhos. Após lutar durante 20 anos, legou um reino forte e unido ao seu filho, Afonso VII. Morreu durante o parto, ao dar à luz o seu quinto filho

Petronila I de Aragón (1136 -1173)



Petronila I de Aragão segue a linhagem das governantes femininas.

No mesmo ano do seu nascimento, o seu pai, Ramiro II, o Monge, arranjou o seu casamento com o Conde de Barcelona, Ramon Berenguer IV.

Através do tradicional casamento entre famílias, ela uniu o Condado de Barcelona à Coroa de Aragão.

Isabel I de Castilla (1451 - 1504)²⁸

Sem qualquer dúvida, a figura maior da nossa história é Isabel I de Castela.

Vou falar dos factos e eventos que a Isabel promoveu com a sua visão de futuro. Um facto interessante demonstra a mente aberta de Isabel: o tutor que a rainha escolheu para os príncipes, Sánchez de Arévalo, vinha de uma escola onde as raparigas e os rapazes recebiam a mesma educação. Século XV. Tirem as vossas próprias conclusões. As realizações de Isabel incluem:



Paz das Damas em Alcáçovas, 1479

Estabelecimento do Tribunal de Residência, que teve origem no Direito Romano.

Educação: Fundação das Escolas Palatinas para mulheres.

Primeira Embaixada Permanente em Roma, 1482

Conquista de Granada e Descoberta da América, 1492

Saúde: Hospital de la Latina 1499. Isabel adquiriu uma notável experiência desde que foi ela quem dirigiu os hospitais de campanha durante a Reconquista. Devo lembrar que os cavalos de batalha da nossa sociedade atual do século XXI são a saúde e a educação. Isabel fê-lo há 500 anos.

Direitos Humanos, 1500 Abolição da Escravatura.

²⁸ Já falámos de Isabel I de Castela, a Católica, e agradecemos à Sra. Lourdes Cabezon a apresentação do perfil e dos dados históricos desta grande rainha, sobretudo em relação aos seus primórdios, à sua coroação e ao seu casamento com o Rei Fernando. Aqui, vejamos alguns outros pormenores que recebemos da Sra. Pilar Aristegui..



O carácter da rainha: Perante a ameaça de ser forçada a casar contra a sua vontade, aos 17 anos, convocou o poderoso Duque de Alba e o Bispo Carrillo e fê-los assinar este documento:

*"Que não seria obrigada a casar a não ser que, por sua livre e determinada vontade, desse o seu consentimento"*²⁹.

É uma mulher prática, como demonstra a anedota com Frei Hernando de Talavera na véspera da conquista de Granada:

"Vossa Alteza, amanhã conquistaremos porque Deus está connosco".

"Frei Hernando", respondeu ela, "Deus costuma estar com aqueles que melhor se preparam para a Reconquista"

Naquele acampamento real de Santa Fé, Isabel dedicou-se à atividade constante e, como acontece com as grandes figuras da história: César, Lorenzo, o Magnífico, Hernán Cortés, Filipe II; ela tratou dos grandes assuntos e também dos mais pequenos:

- Supervisiona o recrutamento de soldados – castelhanos, biscaios, gipúzcoanos, galegos e asturianos – que vão combater ao lado dos mercenários suíços.
- Gere o novo armamento, todo aquele que provou a sua utilidade noutros conflitos europeus: bombardas, catapultas e aríetes, trazidos por Isabel.
- Ele trata dos mantimentos: sacos de trigo, cevada, peixe seco, 150 cabeças de gado e odres de vinho para confortar os mais desanimados.

Também me vou referir à habilidade de Isabel:

A Rainha vê claramente que Fernando é a sua oportunidade: ao unir o poder de Aragão com Castela, cumpre uma aspiração secular: *a Restauração de Espanha*³⁰.

Para atingir os seus objetivos, Isabel necessitava das pessoas mais qualificadas e, por isso, convocou para a corte não só nobres, mas também cidadãos comuns. Todos eles eram eficientes. Estes excelentes funcionários seriam a espinha dorsal daquele reinado excepcional e de uma administração competente que realizaria feitos extraordinários na América, graças à rigorosa supervisão das suas autoridades: o *Julgamento de Residência*, uma iniciativa de Isabel, que a rainha incorporou, extraíndo-o do Direito Romano.

De todos estes eventos descritos, permitam-me que destaque três temas:

I/Educação - II/Saúde - III/Direitos Humanos

Gostaria de realçar que hoje, e imagino que concordem, as principais questões que a sociedade do século XXI enfrenta são a educação e a saúde. Isabel já o tinha feito há 500 anos.

I/Educação:

Para mulheres: Escolas Palatinas. A rainha foi a primeira mulher a compreender a educação como uma porta de entrada para a liberdade e uma forma de as mulheres contribuírem para a construção da nação. A sua neta, a Imperatriz Isabel, seguiria o seu exemplo fundando, e com recursos próprios, escolas para raparigas indígenas nas Índias, como a escola de Texcoco.

²⁹ Luis Suarez, *"Isabel Mulher e Rainha"*, p. 26

(Nota do editor): Como já vimos, ela vivenciou a situação de querer casar com a pessoa que lhe tinha sido escolhida, algo que recusou terminantemente, desejando que todas as mulheres tivessem a mesma liberdade de escolha.

³⁰ Luis Suarez, *"Isabel Mulher e Rainha"*, p.42



Da mesma forma, a modernidade de Isabel reflecte-se na já referida escolha do tutor dos príncipes, que vinha de uma escola onde rapazes e raparigas recebiam uma educação igualitária.

A Vara, Não o Peixe. Ou seja, não lhes dê o peixe, mas ensine-os a pescar.

A evangelização é um capítulo importante no legado da rainha católica. A Lenda Negra, que tantos danos causou a Espanha, embora tenha tido origem em Itália e ganhou força nos Países Baixos. Para os protestantes militantes e fanáticos, a evangelização deve ter sido uma afronta imperdoável, uma vez que levou o Catolicismo ao Novo Mundo – um continente inteiro, 60% do mundo conhecido.



II/ Saúde

E Isabel cuidava dos necessitados. Os hospitais eram numerosos e bem equipados. Quando a Rainha fundou o Hospital dos Pobres, em 1499, já tinha acumulado uma experiência considerável, tendo gerido os hospitais de campanha durante a Reconquista. Em Madrid, no hospital popularmente conhecido como Hospital de la Latina, os doentes não só recebiam cuidados médicos, como ninguém, homem ou mulher, saía de lá sem ter emprego garantido.

À medicina tradicional espanhola, a nova administração de saúde incorporou a farmacopeia das Índias com o máximo respeito pelo conhecimento indígena, uma colaboração que produziu resultados notáveis nos hospitais além-mar.

Só na Nova Espanha, durante os 300 anos de administração espanhola, foram fundados 290 hospitais, quase um por ano.

Nos séculos XVI e XVII, Lima tinha uma cama hospitalar por cada 101 habitantes, ultrapassando muitas cidades atuais.

III/ Direitos Humanos

A Espanha transferiu o seu modelo romano de direito, administração e cultura para os seus territórios ultramarinos, em contraste com o modelo comercial anglo-saxónico. Afinal, somos herdeiros da cultura romana. A Espanha romanizou a América.

Mas a Espanha superou Roma na construção de universidades e hospitais, no estudo da mineração, na realização de explorações científicas e, graças ao frade dominicano Francisco de Vitória e à Escola de Salamanca, na introdução do Direito das Nações na América. Os decretos de Isabel relativos às suas Leis (um monumento à modernidade na esfera social) moldaram o espírito da Coroa nas Índias. A partir destes decretos, percebe-se que a Conquista não foi alcançada apenas pelo calor da batalha, como afirma a Lenda Negra, mas sim através de um exército pacífico de professores, juristas e figuras religiosas. Nenhuma outra nação faria o mesmo.

A rainha já tinha demonstrado a sua preocupação com o bom tratamento que deveria ser dado aos povos indígenas quando Colombo foi recebido no Salão de Cênt, em Barcelona (1493). Na sua colorida comitiva, presenteou os monarcas com nativos adornados com sumptuosos toucados de penas.



Os Reis Católicos foram os padrinhos no batismo destes indígenas no Mosteiro de Guadalupe. A primeira ordem de Isabel foi para que fossem tratados como homens livres. E ela declarou: *“Eles são meus súbditos”*. E quando a Rainha soube que a sua ordem não tinha sido obedecida, explodiu em fúria: *“Que poder tem o Almirante para entregar os meus vassallos a qualquer um?”*³¹

A rainha nomeou um conselho de advogados, teólogos e canonistas para estudar a moralidade deste projeto. Isabel determinou que os nativos continuariam a ser proprietários das terras que lhes pertenciam antes da chegada dos espanhóis.

Em 1500, ela promulgou um decreto que proibia a escravidão.

Em contraste com esta abordagem, a rainha Isabel I de Inglaterra, em vez de castigar o infame tráfico de escravos do seu protegido John Hawkins, associou-se a ele e exigiu uma parte dos lucros.³²

A taxa de escravidão em terras espanholas era de 11%, enquanto em terras inglesas atingia os 85%.

A competente e rigorosa administração espanhola fazia maravilhas na América, graças ao controlo severo sobre as suas autoridades através do Julgamento de Residência, cuja iniciativa partiu de Isabel e que a rainha incorporou, extraindo-o do direito romano. Isabel ordenou: a obrigação de pagar salários justos aos povos indígenas (disposição de 20 de junho de 1500); e as Leis de Burgos de 1512, dando continuidade ao espírito da Rainha Isabel, ordenaram: o direito ao descanso dominical, 40 dias de descanso por cada 5 meses de trabalho, e regulamentos para a proteção da sua saúde.

Século XX num país anglo-saxónico? — Não, Espanha do século XVI. Direitos humanos

Isabel Barreto (1567 - 1612) Adelantada³³ do Mar do Sul

[Nota do Editor] (Os detalhes sobre esta grande mulher, cujo perfil, naturalmente, a Sra. Pilar Aristegui incluiu na sua palestra sobre as notáveis mulheres hispânicas que fortaleceram o trabalho civilizador de Espanha em terras distantes, já foram apresentados sob a sua assinatura nos números 2 e 3 destas revistas.



Encorajamo-lo a lê-los e a perceber a transcendência e o alcance do que significa que uma mulher, há 500 anos, conseguiu tornar-se uma respeitada almirante da frota; a primeira no mundo).

Na próxima edição, a Dona Pilar continuará a apresentar-nos muitas outras grandes mulheres hispânicas, tanto da Península Ibérica como das Américas.

³¹ “Isabel La Católica”, Peggy Liss, p.293

³² Luís Francisco Martínez Montes, “España una Historia Global”, p.116)

³³ “Adelantado del Mar” era o nome dado à pessoa encarregada do comando de uma expedição marítima, concedendo-lhe antecipadamente o governo das terras que descobrisse ou conquistasse.

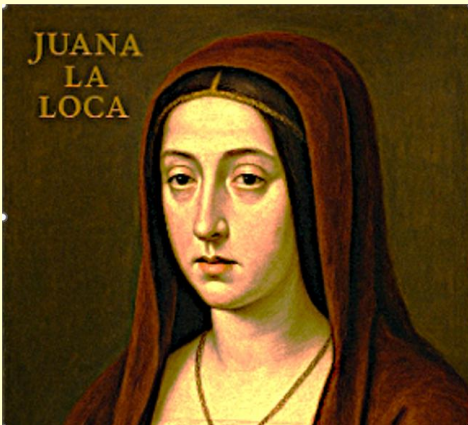


Luis Antequera Becerra

Perfil académico e profissional (em espanhol):

:

[Microsoft Word - c vitae Luis Antequera.docx](#)



Joana a Louca

e

Carlos II



Os dois reis que governaram melhor do que poderíamos imaginar

Estes dois reis partilham mais do que apenas a data de nascimento; a história envolveu-os num véu de loucura e incompetência. No entanto, um exame minucioso das suas vidas revela que foram monarcas mais dignos e humanos do que a Lenda Negra sugere.

.Carlos II de España

Hoje, temos o curioso caso de **dois reis espanhóis** que têm muitas coisas em comum; pelo menos quatro:

- Em primeiro lugar, ambos partilham a mesma data de nascimento, 6 de novembro de 1479; o primeiro, 1661; o segundo, com 182 anos de diferença.
- Em segundo lugar, **são os dois monarcas "malditos" da história de Espanha**, embora uma análise das suas biografias mostre que, afinal, eram bem melhores do que tendemos a acreditar.
- Em terceiro lugar, ambos são conhecidos quase mais pelos epítetos que adornam as suas personas reais do que pelos seus próprios nomes.
- Quarto, com ambos, as suas respectivas dinastias chegaram ao fim; por outras palavras, as suas respectivas famílias deixaram de reinar: os **Trastâmara** num caso, os **Habsburgos** ou **Áustrias** no outro.
- E ainda um quinto facto que teremos oportunidade de explorar: ambos eram profundamente apaixonados pelos respetivos cônjuges. Sim: estamos a falar de Joana I de Castela, chamada "a Louca", e de Carlos II de Espanha, chamado "o Enfeitiçado".



Joana I de Castela
por Juan de Flandes
(Museu de História da
Arte, Viena)

A Rainha 'louca'

Sim, porque em 1479, a 6 de novembro, nasceu Joana de Aragão e Castela, filha dos **Reis Católicos** (usando os apelidos paternos por esta ordem). Joana I foi Rainha de Castela a partir de 1504 e de Aragão e Espanha a partir de 1516, reinando em ambos os reinos até à sua morte em 1555.

Ou seja: 51 anos de reinado em Castela, quase 40 em Aragão e Espanha, o que faz dela a monarca com o reinado castelhano mais longo da nossa história e **uma das soberanas com a maior duração no trono em relação a toda a Espanha.**

Neste aspeto, é a segunda monarca que se pode orgulhar de ter sido Rainha de Espanha; a primeira foi o seu pai, Fernando, o Católico, Rei de Aragão, Castela e Navarra. Mas, enquanto mulher, Joana é a primeira rainha reinante de Espanha e, até hoje, uma das duas únicas, juntamente com Isabel II.

É importante referir que a sua mãe, Isabel a Católica, era apenas a rainha titular de Castela e rainha consorte de Aragão.

Declarada inapta, por assim dizer, "emprestou" a sua coroa a nada menos de cinco homens, todos os quais reinariam em seu nome ou em virtude dos seus títulos. São eles:

O seu marido, **Filipe I**, por quem professava um amor que roçava o sobrenatural (apesar da mínima reciprocidade que este lhe oferecia, talvez a causa dos desequilíbrios que afligiriam a infeliz Joana), reinou apenas durante dois meses e meio em 1506, até à sua morte;

O seu pai, **Fernando o Católico**, que com ela co-governou em Castela durante doze anos, entre 1504, ano da morte de Isabel, e 1516, ano da sua própria morte;

O **Cardeal Cisneros**, que reinou por duas vezes: uma como regente de Castela em 1504, após a morte de Isabel, e novamente como regente de Castela e Aragão em 1516, após a morte de Fernando;

Carlos I, o seu próprio filho, governou ao seu lado durante quarenta anos, desde a sua chegada a Espanha em 1516 até às abdições de Bruxelas em 1556;

E, por fim, o Cardeal Adriano de Utrecht, mais tarde **Papa Adriano VI**, que serviu como regente de Espanha durante a ausência de Carlos, entre 1520 e 1522.



A rainha Joana com os seus dois
filhos: Carlos e Fernando.



A estas, devemos acrescentar mais uma mulher: a sua nora, Isabel de Portugal, que reinou como regente em diversas ocasiões entre 1526 e 1539, sempre durante as ausências de Carlos I, marido de Isabel.

Aposto que nunca pensou nisso dessa forma. Uma mulher atormentada, mas talvez menos louca do que tendemos a acreditar, que ao longo da sua vida demonstrou uma notável sabedoria, como quando os *Comuneros*, que se tinham revoltado contra Carlos I, lhe ofereceram o trono do seu filho, e ela recusou.



O enfeitiçado

Em 1661, também no dia 6 de Novembro, nasceu o segundo dos nossos reis "amaldiçoados": o infeliz Carlos II, conhecido como "o Enfeitiçado", o último Habsburgo no trono de Espanha.

A sua morte sem herdeiros, ocorrida em 1700, levantará o **grave problema da sucessão**, que conduzirá a uma guerra de catorze longos anos e, finalmente, ao advento de uma **nova dinastia**: a dos Bourbons, na pessoa de Filipe V, sobrinho-neto de Carlos através da sua meia-irmã Maria Teresa, mulher de **Luís XIV de França, o Rei Sol**, de quem Filipe era neto.

Contrariamente à crença popular, Carlos II foi um bom rei de Espanha. Sofreu de várias deficiências congénitas, principalmente esterilidade, bem como de certas deficiências intelectuais devido à consanguinidade a que estava sujeito: os seus quatro avós eram da Casa de Habsburgo, e nove dos seus dezasseis trisavós também o eram.

No entanto, recebeu uma excelente educação e, acima de tudo, destacou-se pela sua notável afabilidade e por um desejo inato de fazer as coisas bem feitas.

A dado momento do seu longo reinado, **que durou 35 anos**, chegou a tentar governar sozinho, em vez de delegar o poder nos seus favoritos, que eram quatro: a sua mãe, **Maria Teresa da Áustria**, regente durante a sua menoridade, e três outros durante o seu reinado efectivo: o austríaco **João Everard Nithard** e os espanhóis **Fernando de Valenzuela** e dom **Juan José da Áustria**, seu meio-irmão bastardo.

Ao contrário do seu pai, Filipe IV, Carlos não perderia um único território do Império, nem na Europa, nem na América, nem no Pacífico, nem na Ásia, nem em África. O Imperio Penta Continental, seria, de facto, entregue na sua totalidade ao seu sucessor, o francês Filipe V (o que não foi fácil, pois as potências tentaram tirar partido da situação para o dividir entre si); **Filipe, entre outras coisas, ficou impressionado com o rigor e a prosperidade que reinavam nos cofres do Estado** e na economia espanhola, algo invulgar na história do Império Hispânico.



A América viveu anos de paz e esplendor político, económico e cultural. Carlos II foi, aliás, o primeiro a proclamar a abolição da escravatura no que viria a ser o território dos Estados Unidos da América. Fê-lo em 1693, oferecendo a liberdade a todos os escravos que abandonavam as colónias anglo-saxónicas na costa leste da América do Norte e procuravam refúgio na Florida espanhola.

Foi também um excelente marido, profundamente apaixonado pela sua primeira mulher, a francesa Marie Louise d'Orléans, com quem esteve casado durante quase dez anos. Após a sua morte, aos 26 anos, dirigiu ao marido as mais belas palavras que um rei podia ouvir da sua companheira real: *"Vossa Majestade pode ter muitas mulheres, mas nenhuma que o ame mais do que eu"*.

Dois reis, portanto, "amaldiçoados" na história de Espanha: Joana "a Louca" e Carlos II "o Enfeitiçado", cujas biografias devemos rever de uma vez por todas. Ambos foram vítimas da mais audaz e implacável Lenda Negra anti-espanhola, e por isso merecem, finalmente, ser colocados no contexto histórico que lhes é devido.



Triunfo de Carlos II
Grand-Place
Bruxelas



Julio José Henche Morillas

Perfil académico e profissional (em espanhol):

[6ef621_fb1078d46de14aaab16dd7570651d185.pdf](#)

A Fundação das Cidades na América Hispânica

A recente estreia do documentário “*We the Spanos*” ofereceu-nos uma maravilhosa gama de imagens, sensações, emoções e mensagens que não só ressoam em todos os espectadores, mas também servem como uma necessária consciencialização colectiva. Música, história, religião, cultura, arte, arquitetura; todos estes elementos deixam uma impressão duradoura no espectador, revelando um repertório de influências hispânicas que permanecem despercebidas por uma parte significativa da sociedade americana.

É uma realidade que parece imperceptível, mas que ninguém consegue esconder. A ignorância, a doutrinação, a perda da consciência identitária e até a ideologia contribuíram para a disseminação desta cegueira coletiva. O documentário tem o enorme mérito de trazer à luz as provas tangíveis e vivas da presença hispânica em todos os cantos dos Estados Unidos.

De todas estas manifestações filmográficas da realidade, o que mais me interessou e levou à presente reflexão foram as sequências dedicadas à fundação das cidades espanholas na América do Norte que quero trazer aqui e agora.

Através de pequenos grupos de missionários, acompanhados por um pequeno número de homens armados e por alguns colonos da Nova Espanha que se lhes juntaram, foram lançadas as bases de um mundo hispânico, um mundo que constitui o “ser”, o “*ethos*”³⁴, da América do Norte actual. São Francisco, Los Angeles, San Diego, San Antonio, El Paso, San José, Sacramento, Santa Fé, ou estados como a Florida, o Colorado e o Novo México, para citar alguns, são nomes tão espanhóis como os que temos em Espanha.

Uma forte influência espanhola está presente não só nos nomes, mas também nos vestígios hispânicos em todo o lado. O documentário de López Linares inspirou esta exposição.

É importante compreender que tanto as expedições destes homens e mulheres notáveis como o estabelecimento de novos centros urbanos foram precedidos por um extenso e meticuloso planeamento por parte das instituições espanholas nas Américas. Isto incluiu os recursos, as estradas, os meios, o pessoal, o domínio das línguas, as alfaías agrícolas e, sobretudo, o quadro legal necessário ao seu estabelecimento.

³⁴ “ethos” = Conjunto de características e modos de comportamento que compõem o carácter ou a identidade de uma pessoa ou comunidade (DRAE=Dicionário da Real Academia Espanhola).



O Império Hispânico foi um império unificador, governado por leis e ordem enraizadas numa profunda experiência e zelo pela evangelização. O planeamento de novas cidades foi meticulosamente concebido pelos decretos reais de descoberta e povoamento, emitidos tanto nas Leis das Índias como, particularmente, pelas ordenanças do Rei Filipe II de 1573, que apenas codificaram as experiências que as gerações anteriores de espanhóis, bem versadas nas realidades das Américas, tinham interiorizado e, frequentemente, implementado com sucesso.

Os decretos de assentamento estipulavam claramente que os adelantados (governadores) deveriam seguir critérios muito rigorosos na escolha dos locais para fundar cidades como as que hoje fazem parte dos Estados Unidos. As “capitais”, ou cidades principais, foram sempre construídas com o intuito de não causar qualquer danos aos indígenas. A principal exigência era que os novos núcleos populacionais fossem estabelecidos em locais com *"bom ar e boa água"* (daí a origem do nome da actual capital argentina³⁵, que a maioria dos seus cidadãos certamente desconhece).

A portaria estipulava que o local escolhido deveria ter sempre água por perto para melhor aproveitamento. Não deveriam ser escolhidos locais muito altos, pois seriam *"perturbados pelos ventos e dificultariam o abastecimento e o transporte"*, nem locais muito baixos, *"pois tendem a ter o solo contaminado por doenças"*. *"Os rios deveriam ser posicionados a oeste para que os edifícios virados para leste tivessem as melhores vistas ao nascer do sol."*

E, de grande importância, estipulava-se que os povoados escolhidos deveriam ser locais *"que não perturbassem os índios e os nativos"*. A lei espanhola para a América era regida por critérios de racionalidade, bom senso e o máximo respeito pelos habitantes nativos, que não pretendiam tratar como súbditos hostis; nem, é claro, como indivíduos a exterminar ou mesmo a deslocar-se dos seus próprios ambientes naturais, um contraste gritante com o que foi posteriormente praticada pelos americanos com os índios quando se expandiram para oeste no século XIX.

Estes regulamentos estavam imbuídos de um espírito humanista e de um sentido de justiça, mas também de grande inteligência e respeito pela população nativa, visando criar novos e distintos centros urbanos que de forma alguma perturbassem o modo de vida dos habitantes nativos. Estas cidades do oeste da América do Norte, até então (início do século XIX), careciam até dos incentivos mais básicos para o lucro ou enriquecimento: não havia minas, pesca, nem riquezas aparentes. Nada do que já existia noutras partes da América.

Os novos povoados foram estabelecidos com o propósito principal e quase exclusivo de expandir o domínio espanhol ao longo da costa, demarcando o seu território de influência e, talvez, incentivando o comércio; sobretudo, para difundir a fé. É por isso que as expedições ao longo do Caminho Real foram lideradas por missionários franciscanos como Frei Junípero Serra, que fundou 21 missões que se tornaram a origem de muitas cidades norte-americanas.

³⁵ Refere-se à cidade de Buenos Aires, nome que em espanhol significa "bons ares".



As novas cidades ou povoações deveriam estar a uma distância máxima de três dias de caminhada uns dos outros, o que significaria distâncias entre os 60 e os 80 km, no máximo. Os centros populacionais foram estabelecidos em locais que não interferissem ou perturbassem os habitantes nativos. Estas novas cidades foram concebidas para terem *"boas entradas e saídas"* tanto por mar como por terra, através de boas estradas e vias navegáveis, de modo a que pudessem ser *"facilmente acedidas ou abandonadas para governar, comercializar, prestar auxílio e defender-se"*, quando necessário.

Uma vez estabelecido o plano da cidade (isto é, a estrutura urbana básica) e iniciado o processo de construção, era necessário formar *"conselhos ou governos municipais"* da população, propondo como colonos preferenciais *"todos os casados e seus filhos, bem como aqueles que eram descendentes dos colonizadores originais da cidade"*. Outro requisito essencial imposto pelas Leis das Índias era que a tomada de posse fosse feita com *"solenidade apropriada"*

Esta exigência de formalidade não era trivial, pois exigia, como condição da própria validade dos atos jurídicos, formalidades jurídicas que tinham origem no mesmo carácter formalista do direito romano, do qual se herda o direito espanhol. Os atos oficiais deviam conter *"a verificação da fé em forma pública"*, e, após a descoberta, os descobridores tinham de regressar para prestar contas às audiências e aos governadores. A estratégia das autoridades era atrair os indígenas, ou seja, criar povoações ou centros com uma força *"centrípetas"*, como um íman, incentivando-os a aproximarem-se voluntariamente, praticando o entendimento mútuo através do comércio e das trocas.

As Leis das Índias, pelo mesmo motivo, regulavam também os dias de mercado nas novas cidades para a venda de bens e mercadorias aos povos indígenas, exigindo pelo menos dois dias por semana. Estes contactos e trocas iniciais a nova cidade hispânica foi *"aberta"* à população indígena nativa.

Estes sábios métodos fomentaram não só relações amistosas, mas também a prosperidade mútua. Desde o momento em que se estabeleceu a confiança mútua, as figuras religiosas iniciaram o seu trabalho especializado de persuasão pacífica. Partilharam técnicas agrícolas, forneceram sementes desconhecidas, o que representou um primeiro passo para incentivar o estilo de vida sedentário dos nativos americanos, e demonstraram também práticas musicais hábeis às quais os indígenas, por vezes, adaptaram-se de bom grado.

As ordenanças de Filipe II estipulavam que o seu objetivo final deveria ser *"que os novos assentamentos fossem eventualmente povoados por índios e nativos"* aos quais *"o Evangelho pudesse ser pregado"*, pois era esse o principal propósito para o qual as novas descobertas e assentamentos foram estabelecidos. E, como era um critério bem definido nas Leis das Índias, está especificamente declarado nestas ordenanças que *"os descobridores por mar ou terra não deveriam envolver-se em guerra ou conquista de forma alguma, nem auxiliar um grupo de índios contra outro, nem envolver-se em disputas ou conflitos com aqueles em terra por qualquer causa ou razão, exceto que nenhum dano ou prejuízo lhes seja causado, nem que nada de seus seja tomado contra a sua vontade, exceto por resgate ou por sua própria livre vontade"*.



Em suma, o máximo interesse é a paz e não perturbar o mundo indígena.

As Leis das Índias estabeleciam determinados métodos ou requisitos para os missionários evangelizadores. A norma impunha métodos "*gentis e pacíficos*" e enfatizava o uso preferencial da sedução como meio de atrair a atenção e a integração dos indígenas. Os missionários eram obrigados a dominar os instrumentos musicais (recorde-se a cena do filme "*A Missão*" em que o missionário se aventura na selva com o som harmonioso de um oboé, despertando a curiosidade dos nativos), bem como o domínio das línguas nativas. Este era mais um passo para a integração voluntária e pacífica.

Com tudo isto estabelecido, já havia um bom caminho trilhado para os aproximar da fé e apresentá-la a eles. Uma fé que, sem dúvida, abraçaram em muitos casos "*motu proprio*"³⁶.

A expansão espanhola nas Américas nunca foi invasora ou predadora. Foi um império gerador, nas palavras do filósofo Gustavo Bueno, que tão apropriadamente cunhou este conceito. A ordem e a lei foram impostas desde o início como instrumentos essenciais para a integração e expansão do império, ferramentas para uma integração prudente. Seria desejável que os habitantes e residentes destas cidades e estados da nação norte-americana tivessem, pelo menos, uma consciência mínima da sua ascendência hispânica, que ainda está presente com vestígios vivos e evidentes.

Os instrumentos jurídicos acima descritos são apenas alguns exemplos ilustrativos de como alguns pioneiros hispânicos construíram sociedades, lançando as bases do que são hoje os Estados Unidos. O documentário de López Linares abre uma janela luminosa para este conhecimento que clama por um despertar justo. Os norte-americanos e os hispano-americanos fariam bem em assumi-lo e também em recordá-lo.



³⁶ "*motu proprio*" (latim): Livre e voluntariamente, por iniciativa própria.



Pintura

Espanha é um país de grandes pintores, e há certamente muitos espanhóis e Hispanico-americano que desejam pintar e gostariam de melhorar a sua técnica e aprender a conseguir efeitos visuais como os obtidos por **José Bautista**, vencedor de vários prémios, como se pode ver nestes dois exemplos:



"Café à volta da fonte"
Óleo sobre tela 130 x 192 cm.

Quem estiver interessado em contactá-lo (penso até que dá cursos ou seminários), disponibilizamos lá os seus contactos profissionais e pessoais:

<https://go.hotmart.com/L1042201100>

<https://www.facebook.com/jose.bautista>

<https://www.instagram.com/josebautista...>

<https://www.linkedin.com/in/jos%C3%A9...>

<https://www.youtube.com/channel/UCQp056ht6dAWZ341onAA5Mg>

<https://edplastica.hotmart.host/captacion>

<https://www.facebook.com/bautista>

<https://www.pinterest.com/pintorbautista>



Hispanidade Positiva



Pintura hispânica



"Chá com Leite"

Óleo sobre tela, 130 x 162 cm.

Artista: José Bautista